



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO E  
CULTURA: CONFLUÊNCIAS**

**ADALTO PANTOJA LEÃO**

**RACISMO E ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE AS “EXPRESSÕES” DE  
BRINCADEIRAS RACISTAS NA E.M.E.F PROFESSORA FRANCISCA  
XAVIER. A. VASCONCELOS, MUNICÍPIO DE CAMETÁ/PA**

**CAMETÁ / PA  
2016**

DALTO PANTOJA LEÃO

**RACISMO E ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE AS “EXPRESSÕES” DE BRINCADEIRAS RACISTAS NA E.M.E.F PROFESSORA FRANCISCA XAVIER. A. VASCONCELOS, MUNICÍPIO DE CAMETÁ/PA**

*Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação e Cultura: Confluências do Campus Universitário do Tocantins UFPA / Cametá, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação e Cultura: Confluências, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto.*

CAMETÁ / PA  
2016

**ADALTO PANTOJA LEÃO**

**RACISMO E ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE AS “EXPRESSÕES” DE  
BRINCADEIRAS RACISTAS NA EMEF PROFESSORA FRANCISCA X. A.  
VASCONCELOS, MUNICÍPIO DE CAMETÁ/PA**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto**  
**Orientadora**

---

**Prof<sup>a</sup> Doutoranda Tatyane do Socorro Correa Teixeira**  
**Membro da Banca**

---

**Prof<sup>a</sup>. Msc. Susana Braga de Souza**  
**Membro da Banca**

A Deus que está sempre ao meu lado me abençoando.  
A meus pais, Maria Pantoja Leão, Claudomir Monteiro Leão  
pela boa educação que me deram.  
A minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes  
Pinto que me orientou muito bem e a todos aqueles que me  
apoiaram durante a pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela sua imensa benevolência por ter me dado tantas bênçãos, sabedoria e força que me fizeram vencer todos os desafios para alcançar esse objetivo, por que sem ele nada podemos fazer.

A minha família, especialmente a meus pais, Maria Pantoja Leão e Claudemir Monteiro Leão pelo incentivo que sempre me deram em meus estudos.

A meus queridos irmãos que sempre me apoiaram e deram força nas minhas caminhadas.

As pessoas as quais sem elas essa monografia não teria sido possível:

Ao minha orientadora professora Dr<sup>a</sup>. Bendita Celeste de Moraes Pinto, pela dedicação e por sempre se colocar a disposição incentivando e me ensinando os mecanismos para a construção deste trabalho.

A professora Kelyane da Conceição que contribuiu muito em minhas pesquisas com suas falas e com a disponibilização de livros e materiais didáticos de seu uso.

Aos funcionários da EMEF Francisca Xavier que foram bastante prestativos e atenciosos durante minhas pesquisas na instituição.

Aos meus colegas da UFPA- turma de especialização Educação e Cultura.

A UFPA pela formação acadêmica que me proporcionou.

Agora é o tempo para transformar em realidade as promessas de democracia. Agora é o tempo para subir do vale das trevas da segregação ao caminho iluminado pelo sol da justiça racial.  
(Martin Luther King)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a utilização de “expressões racistas” dentro do espaço escolar e, conseqüentemente, investigar como professores e alunos concebem essas atitudes. Dessa forma, a presente proposta tem como ponto de partida fazer uma análise sobre a temática da discriminação racial com funcionários e alunos do 4º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª. Francisca Xavier Alves Vasconcelos localizada no município de Cametá/PA. Metodologicamente, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica com autores que discutem o tema proposto, dentre os quais se destaca COELHO (2010), CAVALLEIRO (2003), BITTENCOURT (2009). Da mesma forma, no intuito de discutir as relações estabelecidas dentro do espaço da escola, especialmente, entre professores/alunos e funcionários, foi tomando como referência os problemas de discriminação vivenciados pelos educadores e crianças nesse ambiente, tais como: piadas, brincadeiras de mau gosto e uso de expressões de cunho racista. Para tal análise foram feitas entrevistas com professores, alunos e funcionários da escola Prof. Francisca X.A Vasconcelos. Dados da pesquisa apontaram que na escola pesquisada a discriminação racial aparece na forma de alguns apelidos geralmente expressões racistas que são utilizadas sem grandes conflitos, mas que é presente nas falas dos alunos dentro da escola.

**Palavras chaves:** Educação, Discriminação Racial, Brincadeiras de Mau Gosto.

## Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	9
<b>CAPITULO I</b> .....	13
<b>A ESCOLA E DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO CONTEXTO BRASILEIRO</b> .....	13
1.1 AS FORMAS PELAS QUAIS A DISCRIMINAÇÃO RACIAL PASSOU A SER REPRODUZIDA. ....	14
1.2 O PAPEL DA ESCOLA E A VALORIZAÇÃO CULTURAL COMO MECANISMOS PARA COMBATER A DISCRIMINAÇÃO RACIAL.....	18
1.3 DISCRIMINAÇÃO RACIAL A VISÃO SOBRE O “OUTRO” COMO ALGUÉM A TOLERA.....	24
<b>CAPITULO II</b> .....	28
<b>UMA ABORDAGEM SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO CONTEXTO LOCAL</b> .....	28
2.1-ASPECTOS DE UMA EDUCAÇÃO EUROPEIZADA NA REGIÃO PARAENSE. ....	29
2.2 QUAL A CONCEPÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA FRANCISCA XAVIER EM RELAÇÃO AO RACISMO .....	36
2.3 O CONTEXTO DAS EXPRESSÕES RACISTAS. O QUE PENSAM ALUNOS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA FRANCISCA X.A. VASCONCELOS..	43
<b>CAPITULO III</b> .....	51
<b>O CONTEXTO DAS IDEIAS RACISTAS A PARTIR DO MATERIAL DIDÁTICO.</b> .....	51
3.1- O LIVRO DIDÁTICO E SUA RELAÇÃO COM AS IDEIAS RACISTAS: UMA ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO USADOS PELOS ALUNOS DO 4º ANO DA ESCOLA FRANCISCA XAVIER.....	52
3.2- AS IDEIAS QUE SURGEM DIANTE DO CONTEUDOS DO LIVRO DIDÁTICO, COMO MUDAR ISSO?	
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	62
FONTES DE PESQUISA: .....	65
BIBLIOGRAFIAS .....	666

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É notório o quanto expressões racistas ainda estão presentes nos dias de hoje, praticadas de forma sutil as atitudes de preconceito racial interferem na escola e na vida social como um todo e contribui para a construção de representações pejorativas sobre determinados grupos. A discriminação racial constitui-se em um grave problema existente na sociedade brasileira, atualmente ela pode apresenta-se de maneira camuflada em forma de brincadeiras de mau gosto, presente na sociedade de um modo geral quase sempre praticado de maneira sutil.

A discriminação racial é algo que existe desde há muito tempo um assunto que quando discutido causa polêmica por ser muito complexo, e sobre este problema o espaço escolar não está ausente. Nesse sentido, segundo Coelho (2010), o assunto tem ocupado um espaço significativo nas abordagens travadas pelos estudiosos, “este contexto é extremamente complexo e exige por parte de quem se propõe a compreendê-lo uma visão consequente”. A discriminação e a injúria racial são práticas que ainda persistem na sociedade contemporânea são males que desvalorizam e degradam o ser humano. No ambiente escolar as práticas discriminatórias estão presentes entre as crianças geralmente se apresentam através de apelidos e brincadeiras de mau gosto como se fosse algo normal. Por esses e outros motivos é importante fazer uma reflexão sobre o preconceito existente no espaço escolar, entender como essas ações discriminatórias circulam e podem comprometer o processo de construção desse conhecimento através do ambiente escolar, e dos alunos principalmente nos anos iniciais de escolarização (COELHO, 2010).

Neste sentido, o presente estudo se torna importante para percebemos as práticas de discriminação racial que são reproduzidas como formas comuns de brincadeiras de mau gosto e que estão de certa forma ligados as concepções de um processo histórico no qual o negro foi visto como inferior ao longo da história. Segundo Hasenbalg (1979), “a essência do preconceito racial reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não brancos e constitui a justificativa para exercitar o domínio sobre os povos de cor”. A escola em quanto espaço que contribui para a educação dos sujeitos deve colaborar para a formação de pessoas consciente capazes de desconstruir práticas e concepções de discriminação dentro e fora da escola (HASENBALG, 1979, p. ?).

Desse modo, o interesse pela temática, **racismo e escola**, surgiu enquanto educador da rede pública preocupado com expressões de cunho racial que se apresentam no meio

escolar entre os alunos como algo normal, muitas vezes como “brincadeiras” sendo assim considero a temática importante para o processo de ensino e aprendizagem e para a formação do aluno em quanto pessoa consciente de seus atos e ao mesmo tempo tal pesquisa chama a atenção para as práticas sutis de discriminação que ocorrem dentro das escolas muitas vezes despercebidas por educadores tornando algo comum dentro do ambiente escolar e que podem ser reproduzidas ao longo da vida dos que praticam.

Por considerar o assunto relevante para o estudo das relações estabelecidas no espaço escolar em meio ao processo sociocultural em que os indivíduos estão envolvidos, me propôs a fazer a pesquisa como forma de analisar a genealogia dessas “brincadeiras” e suas consequências para os alunos, dessa forma contribuir para a efetivação de uma prática pedagógica onde o preconceito não deva ser reproduzido como algo normal, mas sim condenado dentro e fora da escola. Pretende-se com o trabalho chamar a atenção para as concepções discriminatórias que se apresentam dentro das escolas e a valorização a diversidade. Segundo Lopes (2001), “a educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora” (LOPES, 2001 apud MUNANGA, 2005, p. 189).

Desta forma, o presente estudo objetiva analisar a utilização de “expressões racistas” dentro do espaço escolar e, conseqüentemente, investigar como professores e alunos concebem essas atitudes. Neste sentido, a pesquisa teve como ponto de partida fazer uma análise sobre a temática da discriminação com professores e alunos do 4º ano da E.M.E.F, Francisca Xavier Alves Vasconcelos, localizada no interior do município de Cametá/PA, a escolha desta escola como objeto de análise se deve ao fato de ser uma escola com um número considerável de alunos negros e por se perceber um número considerável de brincadeiras entre os alunos associado ao biótipo do negro.

Procurando interagir e estabelecer um diálogo aberto com as pessoas que constituem o ambiente desta escola com o intuito de saber quais as frequentes ações discriminatórias que se apresentam no contexto escolar e qual os procedimentos tomados pelos professores e pela escola sobre a questão, verificando se há ações que venham contribuir e melhorar as relações do ensino aprendizagem. E até que ponto essas brincadeiras podem interferir nos rendimentos dos alunos que são vítimas. E como estas são concebidas por professores e alunos.

Metodologicamente primeiro foi desenvolvido um estudo bibliográfico a respeito do assunto, dos quais se destaca: COELHO (2010), HASENBALG (1979), CAVALLEIRO (2003), BITTENCOURT (2006) HERNANDEZ (2005). Depois, se desenvolveu a pesquisa de campo, quando foram entrevistados professores e alunos do 4º ano e de outras series da E.M.E.F, Francisca X. A. Vasconcelos, sobre a utilização de “expressões racistas” dentro do espaço escolar na perspectiva de investigar como professores e alunos concebem as atitudes discriminatórias e que procedimentos são tomados por estes, e quais ações são voltadas a melhorar as relações entre os alunos na referida escola. E importante ressaltar que os participantes desta pesquisa são alunos e funcionários durante a pesquisa alguns pediram para que seus nomes não fossem divulgados atendendo a este pedido a identidade dos entrevistados será preservada sendo utilizado apenas as letras iniciais de seus nomes.

Buscamos com este trabalho contribuir com a presente temática, demonstrando assim as consequências provocadas pelo ato das “brincadeiras” discriminatório dentro do espaço escolar instituindo-se dessa forma a consciência para a ação de pesquisas sobre as diferentes práticas discriminatórias dentro da escola e fora dela. Dessa maneira, construir conhecimentos e formar cidadãos críticos em relação a concepção que se tem das diferenças e sobre o preconceito racial ajudando no processo educacional e no combate as práticas de discriminação no ambiente escolar.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, A Escola e a Discriminação Racial no Contexto Brasileiro, apresenta reflexões sobre a construção do racismo no contexto histórico e o papel da escola diante das ações discriminatórias. No segundo capítulo, **Uma Abordagem sobre a Discriminação Racial no Contexto Local**, é feita uma análise das expressões e concepções racistas no espaço escolar. O terceiro capítulo, **O Contexto das Ideias Racistas a Partir do Material Didático**, analisa materiais didáticos usados, assim como, o quê os alunos dizem sobre essa forma de discriminação, na tentativa de compreender de que maneira professores e alunos veem as brincadeiras de mau gosto, e de que forma esse tipo de brincadeira compromete e influenciam o processo de construção do conhecimento dos estudantes, principalmente, nos anos iniciais de escolarização.

Neste sentido, dados da pesquisa apontaram que na escola estudada a discriminação racial aparece na forma de alguns apelidos, geralmente utilizadas entre os alunos, ao se referir algum colega tornando-se uma prática vista como comum até mesmo por aqueles que recebem o apelido. A boa notícia é que a escola se mostra comprometida com a valorização e discussão sobre as diferenças, procurando abordar o assunto em eventos culturais que

buscam chamar a atenção para o tema do preconceito, passando a reconhecer a importância do assunto e trabalhar estes temas com os alunos.

## **CAPITULO I**

# **A ESCOLA E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO CONTEXTO BRASILEIRO**

## 1.1. AS FORMAS PELAS QUAIS A DISCRIMINAÇÃO RACIAL PASSOU A SER REPRODUZIDA.

As práticas discriminatórias que conhecemos hoje não deixam de ter relações em comum com as ideias etnocêntricas mais antigas que se fundiram no mundo, a questão do uso das diferenças como justificação para a exclusão de um grupo sob o outro sempre estiveram presente na sociedade, a exemplo temos a ideia do determinismo biológico, que veio a difundir-se a partir de argumentos ardis sobre raças superiores a outras, o darwinismo social, ideia que servil para justificativa a escravidão de um povo por outro também tornou-se mecanismos para as principais ideias discriminatória contra negros (SANT'ANA, 2005).

Conforme afirma Cavalleiro (2000),

A construção do racismo atual deriva, em certa medida, das teorias evolucionistas do século XIX, que acabaram por influenciar várias áreas do conhecimento, entre elas a biologia e as ciências sociais. A ideia de igualdade entre homens defrontava-se com a afirmação de existência de uma hierarquia racial entre homens, o clamado racismo (CAVALLEIRO, 2000, p.21).

Atualmente a ideia do racismo científico de que os brancos tenham capacidades superiores aos negros é um mito considerado sem fundamento, mas que foram promovedoras de exclusão de determinados grupos e tiveram grandes repercussões durante o século XIX e que deixaram marcas negativas até hoje sentidas sob aqueles que outrora foram classificados como inferiores e passaram a sofrer com o peso da discriminação, (HERNANDEZ, 2005). Conforme analisa Andrews (1998),

Durante esta época de darwinismo social e racismo científico, essas explicações tendiam a se difundir sutilmente-e às vezes não sutilmente - em afirmações sobre a incapacidade dos negros, tendo como base a herança racial. Por isso, aqueles afro-brasileiros que questionavam noção de democracia racial corriam o risco de serem confrontados com uma análise que, na melhor das hipóteses, seria dolorosa e embaraçosa e se ouvir e, na pior, iria se refletir diretamente sobre eles como indivíduos e como membros do grupo social negro (ANDREWS 1998, p. 212).

Em nosso país grande parte dos negros sofriam dificuldades em afirmar sua origem étnica por conta do caráter discriminatória em que eles eram associados. Uma das causas para este mal estava na ausência de referências positivas sobre sua história do

negro, segundo Oriá, “nega-se ao negro a participação na construção da História e da Cultura brasileira” (ORÍÁ, 2004, p.96). Conforme destaca Hernandez, a péssima imagem do negro produzida ao longo da história e a visão científica que procurava justificar o domínio de um povo sobre outro através do darwinismo social, contribuíram para fundamentar as ideias de que brancos são melhores que negros (HERNANDEZ, 2005).

No Brasil temos o peso da escravidão que colocou o negro e o índio subjugados ao padrão europeu de “cultura superior” “civilizado” fundamentou-se que durante o processo histórico brasileiro a ideologia do branqueamento era uma forma de adequar a sociedade aos padrões aceitáveis, criando assim tendências de transformações positivas com base no branco (FONSECA, 2001).

Conforme a concepção de VAINER (1990).

O Estado brasileiro e suas classes dominantes propiciaram o desenvolvimento de uma política racial fundamentada no ideal de uma harmonia/ democracia entre as raças e o branqueamento da população. Daí facilitarem a imigração e proibirem a entrada de “indivíduos humanos” das raças de cor preta. A eugenia afirma-se como negócio do estado: construção da nacionalidade, aperfeiçoamento da população (...) intensificam-se debates ao redor do sujeito negro, para investigar se ele era ou não adequado à configuração do povo brasileiro (VAINER, 1990, p.18, apud SANTOS, 2002, p.129).

É perceptível na fala de Vainer a relação da discriminação racial com o processo de formação sócio histórica de nosso país, as maneiras em que ideias discriminatórias são apresentadas sobre os grupos que constituíram nossa nação se remetem a memória do processo de escravidão. As relações que ainda se concebe sobre a imagem do negro são resultado de concepções associada ao escravo de aparência feia e favorável para o trabalho pesado e incapaz de pensar. As formas pelas quais as diferenças entre negros e brancos foram produzidas são reportadas na memória de grande parte do povo brasileiro de maneira excludente sobre o outro um problema que se reproduz na forma de atitudes racistas praticadas ainda nos dias de hoje ideias que são construídas através das relações e pré-conceitos estabelecidos sobre a imagem do negro que muitas vezes podem ser reforçadas no espaço escolar (COELHO, 2010)

Para Coelho (2010), muitas das concepções atuais de discriminação e inferioridade estabelecidas sobre o negro vão além da questão econômica e de classe, no caso do Brasil o preconceito racial contra negros tem suas raízes na visão de raça ligada a formação sócio histórica da sociedade brasileira (COELHO, 2010). Segundo as análises desta mesma autora,

O preconceito no Brasil, no entanto, é racial por duas razões em primeiro lugar porque a despeito do que afirma a ciência sobre a existência de raça humanas - é a partir da crença na existência de raça (cada uma com seus atributos) que muitos organizam sua relação com o outro. Nesse caso o fundamento encontra-se na memória da escravidão e na construção diária da condição subalterna em que se encontra grande parte dos indivíduos de pele escura (COELHO, 2010 p.25).

Com base nas afirmações de Coelho é possível perceber que o nosso país foi marcado pelo processo de escravidão ocorrido durante sua formação sendo a imagem do negro associada a inferioridade que hoje se constitui sob a forma de discriminação racial especificamente pela desvalorização dos negros na sociedade, mais que uma simples herança de nosso passado essa questão racial toca o nosso dia a dia de diferentes formas, através das agressões verbais expressões, manifestações de intolerância proferidas sobre a imagem do negro muitas dessas sutilmente empregadas no dia a dia (COELHO, 2010).

O que se percebe nos dias atuais, é que as práticas racistas passaram a tomar novas formas representadas pelas brincadeiras de mau gosto impulsionado principalmente pelo contexto das relações que se estabelece entre os diferentes grupos de pessoas, no convívio com o outro, onde são proferidas ideias e atitudes “sutis” de discriminação. Para Moura (1994), o racismo brasileiro [...] na sua estratégia e nas suas táticas agem sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz, ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente nos seus objetivos (MOURA, 1994, p. 160).

Sendo assim, configuram-se na sociedade atual as formas de discriminação praticada aos seguimentos marginalizados da sociedade como algo comum, intituladas como “brincadeiras” em geral carregadas de concepções estereotipadas ausente de consciência e valorização da história e cultura negra. Construídas na dimensão do senso comum geralmente são expostas na forma de comentários preconceituosas, piadas depreciativas, e suposições sem nenhum fundamento as quais geram sentimentos negativos e imposição em relação ao outro (CAVALLEIRO, 2003).

As atitudes racistas ou brincadeiras de mau gosto geralmente são praticadas por pessoas que desconhece a si e sua própria história, o que se resume nestes termos a discriminação do outro, à ideia do negro associado a escravidão a indolência, pobreza, ignorância, aos vícios, e de modo generalista, delimita a cultura negra ao pensamento negativo. Estas práticas apenas dificultam a consolidação de uma sociedade pautada em ações antirracistas, segundo Coelho,

O Brasil vive uma situação singular. A discriminação pautada na cor e o racismo são uma realidade inegável. Certamente eles são mais evidentes para aqueles que sofrem. Mas qualquer observador atento perceberá que para além do discurso da harmonia, a discriminação e o preconceito vicejam Segundo (COELHO, 2010, p. 33).

Atitudes densas de discriminação racial podem ser menos comuns nos dias atuais o que não impede que o racismo ocorra através das ações consideradas normais e discretas na consciência de muitos indivíduos que passam a achar comuns ações de brincadeiras pejorativas sobre os negros, não levando em conta o quanto atitudes discriminatórias pode causar danos internos aos que são vítimas.

Atualmente o preconceito racial não está sendo tão debatido no ambiente escolar por se achar que ele não ocorre com tanta tenacidade, mas se ignoramos que ele não ocorre mais estaremos nos enganando e deixando que atitudes racistas continuem acontecendo no dia a dia (CAVALLEIRO, 2003).

Na concepção de Gomes, o racismo no Brasil trata-se de um caso complexo e singular, visto que o racismo se afirma por meio da sua própria negação. É negado de forma veemente, “mas mantém-se presente no sistema de valores que regem o comportamento da nossa sociedade” (GOMES, 2000, p.92).

Embora seja evidentes discursos sobre a igualdade dos povos na sociedade atual ainda sim são comuns atitudes de discriminação contra o negro e outros segmentos da sociedade. Coelho afirma que, “estudos sobre a tão falada democracia racial tem mostrado que a não-existência do racismo no Brasil é uma fábula” (COELHO, 2010). Da mesma forma, Cavalleiro ressalta que, na sociedade brasileira são cotidianamente vividas e exercidas as mais diversas práticas de reprodução do racismo mesmo com as conquistas dos grupos marginalizados e os debates travados pelos pesquisadores do universo educacional sobre as condenadas práticas racistas, ainda sim, são comuns atos de discriminação em nossa sociedade (CAVALLEIRO, 2003).

Neste sentido, Müller afirma que,

O racismo e o preconceito nem sempre têm explicações racionais. São sentimentos construídos ao longo da vida, através do convívio com outras pessoas racistas ou preconceituosas e que transmitem essas ideias pejorativas sem nenhuma comprovação, apenas insistindo nos julgamentos negativos que eles têm sobre os outros (MÜLLER, 2006, p.123).

Com base nesse comentário podemos perceber que as práticas de discriminação são complexas e estão presentes nas pequenas ações, atitudes que se formam e se estabelece no convívio entre as pessoas formuladas ao longo de suas vidas a partir de concepções mal ordenadas sobre o outro, a partir de uma visão etnocêntrica. O questionamento é: de que forma podemos desestruturar a raiz desse problema e combater essas práticas a partir da ação da escola? A qual também tem sua parcela de responsabilidade, uma vez que, a educação tradicional de nosso país também contribuiu pela valorização de um modelo de ensino eurocêntrico deixando a imagem de outros povos relegada ao papel secundário da sociedade. Ainda hoje percebemos que a escola tem dificuldades em abordar aspectos sobre a discriminação.

## **1.2. O PAPEL DA ESCOLA E A VALORIZAÇÃO CULTURAL COMO MECANISMOS PARA COMBATER A DISCRIMINAÇÃO RACIAL**

As práticas racistas que se apresentam no cotidiano escolar merecem a necessária atenção não só em meio das relações estabelecidas no espaço interno entre as brincadeiras dos alunos, mas também em relação as percepções trazidas sobre o outro adquiridos no espaço externo em que essas crianças vivem como a família, amigos. A análise dessas relações é importante para o entendimento do uso de expressões discriminatórias praticada entre os alunos, dessa forma, o papel da escola e do docente é importante para mudar as concepções mal formuladas sobre o “outro”.

Os professores e a comunidade escolar precisam estar preparados para lidar com as atitudes apresentadas pelos alunos em relação a diferença e a discriminação. É através da escola que será promovido o esclarecimento desses assuntos permitindo a não reprodução de conceitos mal formulados que intensificam a discriminação e a exclusão, dessa forma promove-se meios para eliminar as atitudes racistas dentro e fora do espaço escolar (COELHO, 2010).

Nas afirmações de Moreira e Candau (2003),

Trata-se, em última análise, não de substituir um conhecimento por outro, mas sim de propiciar aos (às) estudantes a compreensão das conexões entre as culturas, das relações de poder envolvidas na hierarquização das diferentes

manifestações culturais, assim como das diversas leituras que se fazem quando distintos olhares são privilegiados (MOREIRA & CANDAU, 2003, p. 162).

Com base nesse argumento é preciso levar em consideração que dentro das escolas deve haver um processo de valorização e conscientização dos diferentes povos que constituíram nossa gênese, a sua importância não apenas como de símbolos da sociedade que na maioria das vezes só são lembrados nos dias comemorativos porque o currículo escolar determina considerando apenas como uma data cívica. A escola tem um papel maior do que o campo representativo ela deve objetivar, estimular a consciências a compreensão crítica de atitudes e valores sobre a diversidade de nosso país como a misturas de povos e culturas ricas discutindo seus diferentes pontos. O que percebemos é que a escola ainda tem dificuldade em lidar com a temática das diferenças e dos grupos que estiveram a margem da sociedade como é apontado por Candau (2008), “a escola sempre teve dificuldade em lidar com pluralismo e a diferença tende a silenciar-la neutralizar-la. Sente-se mais confortável com a homogeneização a padronização” (CANDAU, 2008 p.16).

A questão da valorização cultural associado ao processo escolar é importante para discutir as ideias sobre a discriminação. As formas de discriminação em geral são práticas de pessoas que desconhece o valor das singularidades de outros povos e de sua própria formação. Através da escola e da conscientização sobre a gênese da formação brasileira com diferentes povos e que poderão ser problematizadas as falsas ideias que se tem sobre o outro. A perpetuação das expressões discriminatórias se consagra nas falhas de ações ante discriminatória dentro da escola junto a pouca relevância que se tem dado as temáticas culturais e a valorização da formação do povo brasileiro desta forma é preciso atenção para escola em quanto a de função somente do papel cívico comemorativo o qual pouco trabalha o censo crítico e a compreensão do aluno para uma visão mais ampla sobre a diversidade (NADAL, 2009). Segundo esta mesma autora, atualmente apesar de amplos debates na educação, após a década de 1980, “ainda encontramos a diversidade cultural sendo tratada na escola e nos livros didáticos por meio de celebrações comemorativas e de dados alusivo aos índios e ao negro” (NADAL, 2009, p. 29).

Desta forma, além da pouca ênfase que se deu as minorias, nas escolas durante muito tempo vemos que o processo educacional presente em nosso país ao longo de seu percurso cometeu vários equívocos que foram propícios para produzir ideias de um padrão eurocêntrico, que enfatizava uma cultura sobre outra, dando aquisição para imaginações discriminatórias e colocando o contexto educacional sobre um único padrão.

A respeito desses padrões temos a concepção da hierarquia da cultural europeia a qual foi reproduzida sobre o ponto de vista de ser a “melhor” em relação a outras, e que permaneceu com ênfase nos livros e currículos escolares (COELHO, 2010). Na concepção de Oriá (1996), por muito tempo o livro didático foi construído segundo os moldes eurocêntricos, desvalorizando os negros, ou seja, apresentando-os de forma deturpada e coberta por estereótipos (ORÍÁ, 1996).

Desse modo, a escola passou a ser uma reprodutora de concepções antagônicas trabalhando modelos e padrões culturais eurocêntricos tornado os que fogem desse padrão inferior. As genealogias da discriminação no Brasil em parte passaram a ser determinadas pelo processo de formação de nosso povo e de ideias ambíguas que se fundamentaram na escola brasileira através do caráter histórico de nossa concepção sobre a imagem do negro escravo culturalmente inferior ao branco com cultura superior que deveria servir de modelo para a sociedade (ORÍÁ, 1996).

Diante das análises dos autores anteriormente mencionados percebemos que apesar dos erros cometidos pelo processo educacional brasileiro ao longo da história não devemos jogar toda culpa e responsabilidade sobre a escola, pois, a questão da discriminação racial que foi construída ao longo do tempo no país não está unicamente ligada a escola e seu processo formativo, seria um engano pensarmos que a discriminação é somente culpa do ensino, deve-se chamar a atenção aqui para a importância da escola e seu papel nos dias atuais como mecanismo relevante para a construção de ideias e a compreensão dos indivíduos sobre determinadas realidades e os povos que formam essas realidade (LOPES, 2001).

A escola, como parte integrante dessa sociedade que se sabe preconceituosa e discriminadora, mas que reconhece que é hora de mudar, está comprometida com essa necessidade de mudança e precisa ser um espaço de aprendizagem onde as transformações devem começar a ocorrer de modo planejado e realizado coletivamente por todos os envolvidos, de modo consciente. [...] a educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-las para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania (LOPES, 2001 apud MUNANGA, 2005, p.189).

O que podemos perceber é que a escola passa a ser um dos espaços primordiais para a consciência do indivíduo e como modificadora de atitudes de discriminação em diferentes sentidos. Hoje as práticas de discriminação racial presentes fora e dentro da

escola se apresentam através de expressões relacionadas ao negro associado a sua imagem, fisionomia ao seu histórico escravista. Percebemos que a péssima imagem que se faz sobre os negros está presente nas brincadeiras de mau gosto professadas no dia a dia que são geralmente estruturadas pela concepção que os indivíduos concebem sob os negros ligados ao processo de formação cultural ligando sua imagem a algo diferente do que seria padrão na sociedade (COELHO, 2010).

Candau (2008) ao discutir as relações culturais, afirma que,

As relações culturais não são relações idílicas não são relações românticas elas estão construídas na história e portanto estão atravessadas por questões de poder de relação fortemente hierarquizadas marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos (CANDAU, 2008, p.23).

A partir dessa perspectiva apresentada pela autora acima se torna importante o esclarecimento das concepções formuladas sobre determinado povo e contexto histórico em que as ideias circulam, e dentro desse esclarecimento a escola se torna fundamental para tal ação. É importante para o entendimento do aluno principalmente nos anos iniciais de sua formação o conhecimento de determinado contexto, a escola e o professor são fundamentais para conscientização de assuntos importantes como o racismo a discriminação praticadas contra negros e a outros seguimentos da sociedade. A escola passa a contribuindo, dessa forma, para levantar assuntos vistos como irrelevante como as “pequenas práticas” que massificam ideias racistas e que parte da concepção formuladas a partir da formação equivocada sobre o outro que prejudicaram o ensino e as relações social com outras pessoas, (CAVALLEIRO, 2005).

Como espaço de aprendizagem a escola opera para ampliar ou reduzir as atitudes e práticas discriminatórias, quando valorizam determinados assuntos e temas em relação a outros pode se tornar reprodutora de ideias antagônicas que podem contribuir para subjugar outros seguimentos ao papel de inferior em relação aos que se considera padrão. Embora atualmente esteja-se tendo uma maior valorização dos grupos marginalizados pelo processo histórico ainda sim, é preciso uma transformação da escola em continua articulação com as práticas sociais mais amplas de cultura e valorização étnica, sem isso dificilmente haverá lugar a uma educação multiétnica que comtemple a valorização da diversidade dos aspectos culturais do “outro” (TRINDADE, 1994). Nessa perspectiva, segundo Gonçalves, podemos dizer que a discriminação:

tem o sentido de separar, distinguir, estabelecer diferenças, segregar. Traduz-se em ações negativas concretas, em práticas individuais e institucionais que violam os direitos sociais e humanos e a igualdade de tratamento, com base em critérios preestabelecidos, de forma singela ou não (GONÇALVES, 2007, p.32).

Na concepção de Pettigrew, é importante nos dias de hoje abordar a discriminação racial e o processo em que ela se estabeleceu, visto que muitos ainda pensam que o racismo já não é praticado mais. As ideias a respeito da discriminação racial ou a qualquer outro tipo de discriminação se constituiu em parte no modo das relações em que as pessoas concebem sobre o outro, as quais passam pelo conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do indivíduo com o seu semelhante, devemos dizer que o racismo é um elemento construído a partir das relações e concepções formuladas socialmente pelos diferentes sujeitos sobre determinada cultura ou grupo que inclui pré-julgamento errado sobre outro grupo humano (PETTIGREW, 1973). Por outro lado, Moreira menciona que,

Torna-se claro que as diferenças são construídas socialmente e que subjacentes a elas encontram-se relações de poder. O processo de produção da diferença e um processo social, não algo natural e inevitável. Podemos sensibilizar nosso aluno para o caráter multicultural de nossa sociedade, para a urgência do respeito ao outro para a percepção e par o questionamento dos fatos que tem provocado e justificado preconceito e discriminação (MOREIRA, 2008, p.46).

Com base nas análises de Moreira, é evidente que a escola é fundamental para construção de uma sociedade menos racista, menos preconceituosa. Diante desse aspecto percebemos que as escolas têm procurado conceber e atuar como agente imprescindível na construção do dialogo consciente sobre a importância das abordagens socioculturais, passando a sensibilizar os alunos ao caráter da valorização cultural e das diferenças em busca de uma sociedade menos discriminatória.

No entanto devemos estar atentos as relações sociais e de poder que se desenvolve no interior das escolas entre alunos ou qualquer outra pessoa que faz parte desse ambiente, pois atitudes e comportamentos discriminatórios podem estar sendo reforçados em meio ao ensino mesmo sem percebemos podemos estar contribuindo para tal ação quando deixamos de repreender ou clamar a tenção para uma atitude de exclusão dentro da escola. Através das relações dentro da escola podemos contribuir ou não para comportamentos e significados que formaram indivíduos com identidades e valores próprios em relação ao outro, (CAVALLEIRO, 2003).

Segundo Moreira (2008),

Aprendemos que somos também em meio aos significados atribuídos pelo outros “aquilo que somos” [...] a identidade é portanto um processo de criação de sentidos pelos grupos e pelos indivíduos [...] Dessa modo ao longo da vida em meio as interações e identificações com diferente pessoas e grupos com que convivemos ou travamos contatos construímos nossa identidades que se formam mediante elos (MOREIRA, 2008, p.41).

É possível perceber na colocação acima que formamos nossa identidade através das relações com o outro dessa forma é possível que as relações conflituosas possam mudar a partir de uma educação voltada para a base do problema da discriminação onde a escola passe a atuar sob as pequenas atitudes que são estabelecidas no espaço escolar entre alunos e o próprio contexto sociocultural em que eles estão. A escola e os outros ambientes sociais são importantes para o desenvolvimento do indivíduo, principalmente nos anos iniciais de sua vida (CAVALLEIRO, 2003). Deste modo, a educação recebida na infância e no decorrer da vida pela escola funciona significativamente para o desenvolvimento de cidadãos mais consciente sobre a diversidade

### 1.3. DISCRIMINAÇÃO RACIAL A VISÃO SOBRE O “OUTRO” COMO ALGUÉM A TOLERA.

Sabemos que as pessoas acabam formando uma série de distinções que surgem no movimento das experiências com outros indivíduos que se configuraram ao longo dos anos e nessas relações e que se formam concepções que podem ser de recusa ao outro constituindo num processo de discriminatório sobre outros grupos. Na realidade, as pessoas que empreendem a uma concepção racista não intendem a diversidade a partir do processo sociocultural e nem a realidade da qual fazem parte por que estão presas a ideias negativas, Nogueira (2007). Dentro desse contexto estabelecem práticas de negação do outro e fortalecimento das ideias raciais que passam a ser renovar e se matizar através de concepções internalizadas na memória das pessoas como o uso de “expressões racistas” provocando inúmeros dificuldades no rendimento de alunos que são vítimas de discriminação achando-se deslocado do meio em que vivem, (CAVALLEIRO, 2003). Ainda segundo a autora:

A discriminação racial opera, na nossa sociedade, como um processo que acarreta inúmeras desvantagens para o grupo negro e par toda a sociedade brasileira, direta ou indiretamente. Compreendendo-se que o reconhecimento positivo das diferenças éticas deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida (CAVALLEIRO, 2000, p.26).

É preciso deslocar os sistemas de referência, as raízes do racismo, produzido pelo processo histórico do negro como mercadoria. A questões de como o brasileiro lida com a discriminação em seu cotidiano e como estas são praticadas no dia a dia podem ser discutidas pela educação, pelos órgãos competentes para poder desconstruir as práticas de intolerância presente na memória das pessoas. Segundo Candau (2008), “historicamente registra-se dificuldades para lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. O país evitou o tema por muito tempo sendo marcado por mitos que vinculam uma imagem de um Brasil homogêneo” (CANDAU, 2008 p,18).

Hoje a sociedade brasileira posiciona-se com ênfase sobre o assunto das diferenças travam-se debates sobre as relações entre educação e diversidade a valorização

dos povos marginalizados de nossa história. Razões como essas nos levam a refletir acerca da importância de trabalhar a questão étnica, junto a isso o contexto da discriminação, as quais devem ser analisadas a partir de uma abordagem consciente para que não fique somente na demagogia das ações, (CAVALLEIRO, 2003).

Mediante as concepções que se estabelece na contemporaneidade sobre o “outro” como alguém a tolerar. As práticas de discriminação passam a assumir outras roupagens que se diferencia do racismo vulgar, primitivo velado no discurso de superioridade, transforma-se em racismo ao nível de práticas pejorativa sobre o outro, vistas como inofensivas, mas que trazem um conjunto de ideias e concepções formuladas a partir do estranhamento e repúdio ao que se considera diferente. O que se percebe diante dessa discussão é que o ambiente escolar não está isento das atuações discriminatórias que podem aparecer de diferentes formas (CAVALLEIRO 2003). Bem como enfatiza Candau (2008) constata que “a escola é concebida como um centro cultural em que diferentes linguagens e expressões culturais estão presentes e são produzidas” (CANDAU, 2008).

Em nossa sociedade poderíamos enumerar o vasto número de piadas e termos que mostram como a distinção racial é algo recorrente em nosso cotidiano utilizado para a manifestação de atitudes de discriminação contra os negros, o uso de expressões pejorativas colabora para segregar e depreciar a imagem do negro. Quando alguém é vítima de expressões discriminatória por causa da cor da pele ou por ser identificadas como diferente aí está implícito a discriminação colocando características associadas a figura do feio do inferior ou fora do padrão estabelecido pela sociedade (AMARAL, 1995). Segundo Beghin e Jaccoud, a discriminação racial é uma ação, uma manifestação de comportamento, ato, que prejudica determinada pessoa ou grupo de pessoas em razão sua raça/cor (BEGHIN e JACCOUD, 2002).

Segundo Cavalleiro, as vítimas do preconceito racial reagem de várias formas muitos com indignação outros se sentem deslocados, muitas vezes passando a renunciar sua identidade, com certeza esse tipo de estranhamento e pensamento não é inexplicável na verdade a imagem deturpada criada sobre o negro provoca essas atitudes (CAVALLEIRO, 2003).

Nascimento afirma que devido a tantas agressões físicas e simbólicas contra as crianças negras,

“seja na rua como no espaço educativo, muitas dessas crianças acabam por negligenciar a sua tradição cultural para assumir uma postura de “embranquecimento” a qual a sociedade e o próprio espaço escolar tem posto para ela como a ideal (branco, alto, forte, olhos claros, cabelos lisos, entre outros). Para uma criança negra em seus anos iniciais fica difícil de entender e ao mesmo tempo não é entendida nesse sistema educacional, que parece reproduzir o padrão hegemônico, que estereotipa ela como incapaz, rebelde, burra, entre outros (NASCIMENTO, sd, p.8).

Através dessas abordagens percebemos que a atitudes preconceituosas contra o negro faz com que muitas das crianças que são vítimas do racismo se isolam e passam a se sentirem fora da normalidade imposta pelo processo eurocêntrico construído historicamente pela sociedade, essas crianças em certos momentos tende a se desvincular de sua própria identidade por serem associadas a imagem do negro escravo, visto como inferior. Segundo Moreira, “e importante ressaltar que a identidade se associa intimamente com a diferença o que somos se define em relação ao que não somos” (MOREIRA, 2008, p.43). Enquanto Cavalleiro afirma que, os indivíduos que são pardos muitas vezes procuram ser identificando como não negros criam outras identidades buscando fugir da discriminação, dessa forma, se são pardos não são identificados como negro, nessa concepção negam sua identidade como forma de não serem associados a imagem do negro visto como algo ruim (CAVALLEIRO, 2003).

A visão negativa em relação ao negro infelizmente é algo que historicamente está presente em nosso universo social, com relação a essa questão, é de fundamental importância perceber como a discriminação esteve, e ainda está presente em nossa sociedade, tal ação poderá ser combatida por meio da escola. Pois esta, constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação sobre a visão que se formou sobre o negro e outros aspectos estereotipado<sup>1</sup>. Segundo Araújo (1996), a escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade pode estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem e valorizem as diferenças em uma sociedade plural.

Diante de tais análises podemos dizer que a escola tem como parte de seus objetivos formar pessoas para as atividades de cidadania, do trabalho e continuar exercendo esse aprendizado ao longo da vida. Esta é a orientação que traz a Lei de Diretrizes de Bases e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino no país BRASIL (2005). Nesse

---

<sup>1</sup> O conceito de estereótipo que adoto comunga diretamente com a afirmação de Brookshaw (1983), para quem o termo pode ser definido “como sendo tanto a causa como o efeito de um pré-julgamento de um indivíduo em relação o outro devido à categoria a que ele ou ela pertence. Geralmente esta categoria é étnica”.

processo podemos dizer que a cidadania é um dos objetivos principais que devem orientar o trabalho pedagógico, é pensando nisso que as escolas têm que ir a busca do desenvolvimento, de competência e habilidades que permitem compreender a sociedade que vivemos.

## **CAPITULO II**

### **UMA ABORDAGEM SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO CONTEXTO LOCAL**

## 2.1. ASPECTOS DE UMA EDUCAÇÃO EUROPEIZADA NA REGIÃO PARAENSE.

A conjuntura de uma educação elitista europeizada na região paraense esteve intimamente ligada ao cenário que se consolidou durante o processo da economia da borracha na Amazônia durante o século XIX, uma vez que os modelos europeus passaram a influenciar a vida da elite amazônica da época, os filhos das pessoas mais abastadas da região passaram a receber uma educação nos moldes europeus principalmente sobre a influência dos modelos franceses da época da Belle Époque proporcionando, dessa forma, um modelo de educação que passou a influenciar a organização das instituições públicas tornando-se a escola um lugar propício para difundir os modos de vida da cultura europeia. Nesse período os atores do poder político da região, passaram a construir fortes paradigmas de influência sobre a educação paraense, os manuais escolares passaram a ser definidos com bases nos modelos europeu (COELHO, 2010). Esta mesma autora afirma que,

Os ganhos advindos da economia gomífera constituíram uma nova elite. As primeiras gerações de empresários enviaram seus filhos para temporadas de estudos na Europa(...) os padrões europeus cedo se transformaram no paradigma a ser alcançado(...) na educação verificou-se(...) adoção aos parâmetros europeus-liceus, cartilhas e currículos expressavam influência francesa (COELHO 2010, p.41)

Diante de tal quadro apresentado pela autora não é de se estranhar que o cenário da forte influência europeia passou a contribuir para a valorização de conteúdos eurocêntricos nas escolas da região paraense deixando pouco espaço para discutir conteúdos relacionados a própria região dessa forma criou-se nos espaços escolares uma mentalidade de desvalorização da cultura amazônica tornando-se assunto de pouca relevância nos currículos escolares tornando os costumes e modos europeus fortemente presente nas escolas e no modo de vida da sociedade (COELHO, 2010).

Percebe-se que esse processo educacional que se figurou na região e no país é reflexo da construção de uma educação voltada para os padrões europeus que assumiram lugar de destaque nos manuais e instituições públicas mantendo-se presente nas escolas, ainda hoje podemos notar que os conteúdos europeizados estão fortemente presentes nas escolas. Em nossa região podemos perceber que as escolas não estiveram isentas da forte influência dos conteúdos europeus que permanecem presentes na educação e que prima

ainda por esses conteúdos deixando pouco espaço para assuntos ligados a povos indígenas, negros e outros seguimentos da região (ROSA & GONZELEZ, 2007).

Essa conjuntura educacional contribuiu para massificação das ideias eurocêntricas que se fundamentaram sobre a formação do povo brasileiro sendo reproduzidas nas instituições de ensino dado que a escola não foi e não é a única instituição que contribuiu para construção de ideias eurocêntricas. No contexto atual, percebemos que os elementos discriminatórios que estão presente nas escolas e fora dela partem da formação histórica de nosso povo juntamente com um modelo de ensino que está intimamente ligado ao contexto europeu contribuindo dessa forma para o processo de discriminação étnica entre os diferentes grupos. Para Oriá, este modelo de ensino teria contribuído para criar padrões de cultura e ideias estereotipastes construídas em parte pelas instituições e materiais de ensino ao logo dos anos (ORÍÁ, 2010).

Segundo Coelho (2010), “os modelos europeus que demarcaram o processo de modernização da cidade de Belém alcançaram a questão educacional por meio das formulações e discursos dos intelectuais e autoridades empenhadas em reorganizar a instituição pública” (COELHO, 2010, p. 41).

Com base no que é apontado por Coelho, podemos compreender o tipo de ensino presente nas escolas da época, é por causa dessas questões que conteúdos considerados padrões estiveram e ainda são presentes em nossas instituições de ensino. Da mesma forma, também podemos perceber que o processo de construção das ideias que se fundiu no Brasil propiciou um modelo único a serem seguidos. Contribuindo para o processo de discriminação de outros seguimentos da sociedade, estabelecendo repudio sobre o que é diferente do modelo europeu empregado por tanto tempo na memória das pessoas (COELHO, 2010).

A partir dessas análises podemos entender como o processo educacional baseado no modelo eurocêntrico deixou marcas de um ensino que se fundamentou no Brasil e em particular na região paraense onde a construção do povo “caboco” é marcante. Para Coelho, esse processo de construção de um ensino que buscava construir um modelo de nação, um povo “civilizado” nos moldes da cultura padrão, ou seja europeia, contribuiu para construção de ideias excludentes sobre outros segmentos da sociedade como índios e negros fato que continua presente atualmente acabando estigmatizando os que não fazem parte do padrão que se considera “normal”. Percebemos que essa construção educacional implica em atitudes racistas dentro do espaço escolar além da pouca

relevância que se dar as expressões racistas que ocorrem dentro desses espaços (COELHO, 2010).

Atualmente em nossas escolas podemos ver expressões de discriminação racial, observamos isso em uma das escolas da região como a E.M.E.F, Prof<sup>a</sup>. Francisca Xavier, localizada no interior do município de Cameté distrito de Janau Coeli vila de Mupí . A escola recebeu esse nome em homenagem à educadora Sr<sup>a</sup>. Francisca X. A. Vasconcelos por ser uma professora de caráter íntegro, uma lutadora de fibra e mulher de muita garra e coragem. Professora que se destacou pelo seu trabalho e competência na escola. Atualmente esta instituição é constituída por... profissionais qualificados em suas respectivas áreas de ensino, trabalhando em conjunto com a realidade dos alunos, discutindo os assuntos da atualidade, desde os conteúdos didáticos, até assuntos como sexualidade, drogas e a política, dentre outros.

Esta escola por ser a única da vila funciona com turmas da creche ao 9º ano do ensino fundamental turmas assim distribuídas: pelo manhã, tarde e turmas do ensino médio pelo sistema modular durante o horário da noite, somando um total de 494 alunos.

Através do estudo neste colégio podemos entender a construção das ideias que tiveram por tanto tempo presente nas instituições de ensino e na memória das pessoas e que ainda são reproduzidas nos dias atuais de forma sutil. Os aspectos particulares de atitudes discriminatórias que se fundamentaram nos ambientes escolares ao longo dos anos infelizmente inda são comuns em nossa sociedade, portanto não podemos fingir que não existe discriminação racial nas escolas atualmente.

Em suas análises MUNANGA (2003), enfatiza que estamos num país onde certas coisas graves e importantes se praticam sem discurso em silêncio:

para não chamar a atenção e não desencadear um processo de conscientização, ao contrário do que aconteceu nos países de racismo aberto. O silêncio, o implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo são alguns aspectos dessa ideologia (KABENGELE MUNANGA apud CAVALLEIRO 2003, p 27)

Ao analisar uma escola da rede pública do município de Cameté podemos constatar como as ideias racistas se apresentam e como elas são vistas hoje no espaço escolar. Durante a pesquisa que deu origem a este estudo, foram feitas algumas entrevistas com professores, alunos e outros funcionários que fazem parte da escola; com o objetivo de discutir a discriminação racial no ambiente dessa instituição e entender o uso de apelidos que circulam no dia a dia entre os alunos. E assim, compreender a discriminação

a partir dos modos de relações que se estabelecem entre as pessoas que compõem o ambiente escolar onde se fundamentam os saberes que os alunos trazem e levam ao longo de sua vida possibilitando entender o contexto das expressões discriminatórias que se fundamentam e circulam no ambiente escolar com o objetivo de entender até que ponto essas expressões pode influenciar no processo de construção dos conhecimentos dos alunos.

Os alunos da escola pesquisada representam grupos classificados na faixa etária entre a infância e a adolescência e são em sua maioria negros. Partindo da análise das relações dentro do espaço escolar entre alunos procurou-se conhecer se as expressões racistas são comuns na escola já que em sua maioria são de alunos negros. Com a ajuda de professores, alunos e outros funcionários foi possível construir um mapa das concepções que se tem nesse espaço sobre a discriminação racial, já que hoje ela se apresenta de maneira sutil muitas vezes não sendo tão questionada, uma vez as pessoas acham que o racismo já é coisa do passado e as atitudes como piadas e apelidos entre crianças brancas e negras é tido como algo normal.

Em relação ao grupo de alunos classificados para a pesquisa procurou-se analisar os alunos do 4º ano do ensino fundamental entre a faixa etária de idade de 10 a 13 anos. A escolha em se analisar alunos dessa idade do ensino fundamental justifica-se pela importância dessa etapa educacional, que é uma das fases em que os alunos estão passando pelo processo das concepções lógicas em relação ao mundo em sua volta, do pensar de maneira concreta. Como nos afirma Piaget,

No terceiro estágio, o das operações concretas (7- 13anos) a criança desenvolve a capacidade de pensar de maneira lógica entretanto essa forma logica de pensamento ainda está presa a realidade concreta. As características que as crianças adquirem nesse estágio são as seguintes a criança tende a sair do seu egocentrismo e socializar sua forma de pensar o mundo (PIAGET,1997 apud LAKOMY, 2008, p. 36).

Desta forma, torna-se importante se fazer uma análise especial sobre esse grupo de alunos. Buscou-se a investigação das relações que se estabelecem nesse espaço através dos atores envolvidos não só os alunos, mas todos os que fazem parte do ambiente escolar inseridos nessa socialização. De acordo com Cavalleiro, “é necessário observarmos o processo de socialização atualmente desenvolvido no espaço escolar, que conforme demonstrado por diversos estudos e pesquisas parece ignora essas questões” (CAVALLEIRO, 2000).

Buscou-se, portanto, analisar como as crianças agiam quando se argumentava sobre as brincadeiras raciais de mau gosto, uma vez que, na EMEF Prof<sup>a</sup>. Francisca Xavier, município de Cametá/PA o número de alunos de cor negra é bem relevante em relação aos brancos. Neste sentido, foram levantados questionamentos em relação como alunos e professores se posicionam em relação a atitudes de discriminação racial, levando em conta o contexto em que esta escola está inserida e a série em que a pesquisa se baseou, pois estes pontos demonstram que a discriminação pode estar presente de forma sutil não percebida por alunos e nem mesmo por professores, e estas expressões racistas como apelidos e caçoadas podem estar interferindo no desempenho de alunos que são vítimas de discriminação.

Na referida escola há um número considerável de crianças, sendo um espaço onde os professores são bem comprometidos com o ensino e as atividades culturais da escola, buscando sempre a organização de eventos culturais onde os alunos se envolvem e participam. Dessa forma, nota-se que as relações estabelecidas na escola entre o ensino das disciplinas e a atividades culturais existem e são trabalhadas, o que é importante para uma prática de ensino ligados ao processo da valorização dos diferentes saberes e culturas, atitude importante no processo educacional para diminuir a discriminação e formar alunos conscientes de seu papel social, uma vez que, a construção de uma boa educação contribui para desfazer as práticas discriminatórias sejam elas contra negro ou qualquer outro segmento dentro da escola ou sociedade como um todo.

Segundo Cavalleiro (2003),

A experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança. O contato com outras crianças de mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao grupo familiar com outros objetos de conhecimento além daqueles vividos pelo grupo familiar vai possibilitar outros modos de leitura do mundo (CAVALLEIRO, 2003, p.17).

Dentro dessa perspectiva pode-se constatar que a E.M.E.F Francisca X. A. Vasconcelos tem apresentado mecanismos importantes de valorização cultural proporcionando eventos culturais que buscam a socialização do conhecimento entre os alunos com professores que se mostram interessados com o saber. Fato que é perceptivo como podemos ver nas imagens abaixo de uma feira pedagógica na escola que trata de alguns pontos sobre as formas de discriminação inclusive a racial ao mesmo tempo este evento realizado pela escola educa e mostra a valorização da cultura da região.



Imagem-1: Feira pedagógica- EMEF Francisca Xavier Alves Vasconcelos -apresentação de temas sobre racismo, FONTE: LEÃO, imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo 2015.



Imagem -2 temática sobre o cyberbullying, FONTE: LEÃO, imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo 2015.



Imagem -3- apresentação sobre a cultura paraense, FONTE: LEÃO, imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo 2015.

Percebemos nas imagens desta feira pedagógica da escola E.M.E.F Francisca Xavier Alves Vasconcelos que ocorrem ações voltadas para o combate as práticas de discriminação seja contra o racismo ou o bullying existe uma preocupação trazida pela escola em mostrar o quanto as práticas de intolerância seja de qual tipo for é uma questão que agride o ser humano e precisa ser combatida.

Nesse contexto não podemos deixar de analisar as relações do dia a dia da escola como uma forma de entender as relações entre alunos e funcionários buscando dessa forma compreender o uso de expressões racistas como apelidos entre alunos. Pesquisas, já realizadas, como por exemplo, de Cavalleiro (2000) demonstram que as crianças brancas revelam situações e apresentam atitudes preconceituosas e discriminatórias tais como: xingamentos, ofensas, brigas e apelidos. Essas situações de discriminação são frequentes e ocorrem na presença de professores sem que eles muitas vezes tomem atitudes contra, ou se dei conta do que está ocorrendo, por isso é importante buscar o contexto das relações dentro da escola.

## 2.2. QUAL A CONCEPÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA FRANCISCA XAVIER. A. VASCONCELOS EM RELAÇÃO AO RACISMO

Na intenção de conhecer e ter a percepção das expressões que ocorrem em relação à discriminação racial no cotidiano escolar, foram feitas algumas perguntas para professores, alunos e funcionários da escola analisada. A primeira foi a seguinte:

Pesquisador: Nas brincadeiras entre alunos você percebe discriminação racial?”.

Resposta do Entrevistado (a): “Aqui a gente ver formas de preconceito, mas é assim entre as crianças em formas de brincadeiras já não é como antes, agora já existe lei contra isso, ai eles já não fazem mais como antes. (Entrevista realizada com LC, auxiliar administrativa da escola, realizada em 18 de outubro de 2015).<sup>2</sup>

A fala da entrevistada reflete como as práticas de discriminação racial ainda são presentes nesse ambiente geralmente de formas sutis como brincadeiras de mau gosto que não são levadas a sérios e muitas vezes passam a ser reprimidas porque sabe-se que atitudes desse tipo são consideradas um crime. Neste caso a lei a qual a funcionaria se remete é a Lei nº 7.716, de 5-1989 que torna crime a prática de racismo no Brasil:

A legislação ordinária define os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor, por meio da Lei nº 7.716, de 5-1989, parcialmente alterada pela Lei nº 9.459, de 13-5-1997. Dessa forma, serão punidos os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor, etnia, religião ou procedência nacional. O art. 20 da citada Lei nº 7.716, de 5-1-1989, com a redação dada pela Lei nº 9.459, de 13-5-1997, prevê como figura típica apenada com reclusão de um a três anos e multa a conduta de praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, etnia, religião ou procedência nacional (Ministério Público da União 06- de outubro de 2015).

Nota-se que precisamos chamar a atenção para as expressões e “brincadeiras” que parecem inofensivas, pois mesmo parecendo brincadeiras são formadoras de exclusão sobre o outro por parte dos que praticam contribuindo para um ambiente excludente em seus diferentes modos, (CAVALLEIRO, 2003). Conforme analisa Souza Santos (1999), é preciso lutar pelo reconhecimento à diferença, entendida como parte constitutiva da

---

<sup>2</sup> Os participantes desta pesquisa são alunos e funcionários durante a pesquisa alguns pediram para que seus nomes não fossem divulgados. Para preservar a identidade dos funcionários e alunos participantes, elas serão identificadas pelas letras iniciais de seus nomes conforme demonstrado na citação.

singularidade humana, sem abdicar da igualdade de direitos, igualdade de tratamentos e igualdade de condições, porque “temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza, temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza” (SOUZA SANTOS, 1999, p 62).

Em relação a discriminação na escola alguns funcionários afirmaram que as práticas acontecem raramente entre alunos e quando ocorrem são em forma de apelidos, piadas, formas de “brincadeiras”. O que se nota é que a discriminação aparece no espaço escolar e na sociedade em geral através das pequenas atitudes entre as pessoas que lançam palavras carregadas de significados pejorativos e excludentes. Entre os alunos os apelidos as brincadeiras demonstram uma forma de preconceito sutil, mas que traz um significado de ideias e concepções que se fundaram a partir de um ponto de vista criada ao longo da vida e que pode ser mudada a partir da educação. Segundo a fala de uma das professoras, podemos perceber o quanto ainda há muito a se fazer:

Eu vejo discriminação em forma de brincadeiras caçoada com apelidos referente a cor da pele, acontece na sala, os meninos maiores as vezes chamarem os outros de macaco, cabelo de palha de aço... ainda acontece isso procuro chamar a atenção deles (Entrevista com professora “K” da escola, realizada em 18 de outubro de 2015).

Esta fala evidencia que a professora tem consciência da existência de explosões racistas nas relações estabelecidas dentro da escola e procura chamar a atenção para tal atitude. Em outro sentido, a atitude racista precisa ser desconstruídas a partir de ações mais eficazes como o esclarecimento e valorização das diferenças étnicas sendo a escola e o professor o principal colaborador desse processo de aprendizagem e formação dos alunos para uma sociedade menos discriminatória e mais democrática, (ARAÚJO 1996).

Para Gomes (2007), o nosso país é uma das nações com maior diversidade cultural existentes no mundo, possuindo uma diversidade étnica bastante nítida. Nesse sentido, é de fundamental apreço se fazer no meio escolar uma abordagem que contemple essas questões, e sua efetivação na vida social das pessoas, ações que não dependem só da escola, precisa-se de políticas públicas e outros agentes como a necessária mobilização da sociedade afim de que o direito a diversidade étnico-racial seja garantido com mais ênfase nas escolas, nos currículos, nos projetos políticos pedagógicos, na formação de professores (GOMES, 2007)

Segundo Gomes, temas que envolvem discriminação como esses são essenciais para serem debatidos através da educação, pois contribuem para o combate ao preconceito

em vários contextos, embora muitos educadores ainda atribuam essa tarefa aos movimentos sociais, restringindo às escolas a incumbência somente de transmissão de conteúdos acumulados, como se não fizessem parte da realidade social brasileira. (GOMES, 2005)

Neste sentido, por mais que o espaço escolar seja o principal formador dos saberes não devemos atribuir toda responsabilidade a escola, quando nos referimos as atitudes discriminatórias vemos que o ambiente externo onde se fundamenta a educação informal é um dos ambientes propício a propagação de ideias mal formuladas a partir do senso comum (CAVALLEIRO, 2003). Uma das professoras entrevistada relata o seguinte:

Nos espaço fora da sala eu já ouvi apelidos, mas agora que existe a lei e a gente conversa com eles... melhorou, mas a gente ainda ver isso....Geralmente existe isso na minha família eu percebo isso (...) Preconceito, a minha mãe as vezes comenta assim na forma de falar quando se refere a alguém que é negra... no modo de falar sabe ” ( entrevista professora K, realizada em 18 de outubro de 2015)

Percebe-se que nas falas dos entrevistados (as) a extensão da discriminação racial, que aparece no cotidiano das famílias, mesmo sendo um assunto recorrente as pessoas não concebem a igualdade ética somente pelo respeito ao outro, mas por causa de leis que limitam ações de conflitos entre as diferenças étnicas. Segundo o que aparece na fala dos entrevistados não são identificadas atitudes de um preconceito ou discriminação racial como antes a aquele com ações agressivas e abertas, mas percebe-se que há na mentalidade das pessoas ideias impregnadas de um modelo padrão branco europeu que passa a ser referência para sociedade quando compara os seguimentos da sociedade essa percepção passa a interferir na construção das relações com o outro e no conviveu entre os diferentes grupos causando mesmo que indiretamente marcas profundas nos sentimentos dos discriminados.

Da Matta (1984) nos explica essas falas a partir do mito da democracia racial nega a existência de conflitos entre brancos e negros. Tende a negar a existência de discriminação na sociedade brasileira (DA MATTA 1984). Por outro lado, Munanga (1999) critica o “racismo brasileiro silenciado” ou dissimulado, que nega a existência do preconceito e da discriminação racial na educação básica. Para ele, esse tipo de racismo é fundamentado pelo discurso da democracia racial (MUNANGA, 1999, p.26).

Em outra fala sobre o racismo na escola a professora (K) afirma o seguinte:

“Agora já é mais difícil já existe lei que proibi eu sempre falo sobre isso procuro chamar a atenção deles... (alunos)”

Notou-se durante a pesquisa de campo, que o comportamento da professora, apesar de ser relevante em relação aos atos discriminatórios, ficou apenas em uma atitude de demonstração aos alunos que agora não se pode cometer esse tipo de atitude por que a lei proibi, uma vez que ela clama a atenção das crianças para tal fato. Contudo, não demonstra ter o cuidado de alertar a criança para a ação que ela cometeu, através de uma abordagem na qual seja colocado em questão a valorização dos diferentes povos e a importância da nossa formação nacional. Contribuindo dessa forma para uma prática de ensino que busca eliminar a presença do racismo no cotidiano escolar.

Nas falas de outros funcionários (os) entrevistados (as), ao serem perguntados se na escola presenciavam práticas de discriminação racial apareciam respostas como:

Professor a gente já observou alguns atos. Antigamente existia entre funcionários mesmo, eles se apelidavam eram na forma de brincadeiras, meu moreno, meu pretinho. Hoje já não vemos mais isso...Hoje com a divulgação é mais difícil até porque mesmo a mídia passa a divulgar, não dá mais nem pra brincar com isso (Entrevista realizada com secretário J. da escola EMEF Francisca Xavier em, 2015).

A partir dessas falas, fica evidente que dentro do espaço escola circulavam ideias de um racismo sutil onde as pessoas tornaram-se vítimas do imaginário social. O qual valorizava o padrão físico eurocêntrico e a ideia da cultura branca, colaborando para manter o pensamento discriminatório forjado pelo processo da formação histórica e o modelo educacional que vigorou em nosso país, introduzidos pelos padrões europeus de ensino e que passam a ser combatidos agora por leis que tornam atitudes discriminatórias crime (COELHO, 2010)

Da mesma forma, também se percebe a pouca relevância que tem sido dado as práticas de discriminação racial, que parecem inofensivas entre as brincadeiras dos alunos. Apesar dos funcionários da escola afirmarem que existem pequenas ações desse tipo, dizem que não são como antes. A discriminação racial sutil é vista como algo inofensivo, como explosões ou brincadeiras, tornando-se as práticas discriminatórias algo comum, como se percebe nos relatos, geralmente não há preocupação das consequências que essas expressões pode causar no rendimento do aluno negro na escola.

Segundo Cavalleiro, o cotidiano escolar apresenta-se marcado por práticas discriminatórias que condicionam a percepção negativa das possibilidades intelectuais,

profissionais, econômicas e culturais e propicia, ao longo dos anos, a formação de indivíduos, brancos e negros com fortes ideias e comportamentos hierarquicamente racializados e carregados de estereótipos (CAVALLEIRO, 1998).

Quando perguntada sobre atitudes de discriminação praticadas pelos alunos dentro da escola, a coordenadora QL afirma que acontecem:

“... já chegou aqui semana passada uma reclamação de uma menina que tinha sido apelidada de pretinha da capoeira” (Entrevista realizada com a professora QL, coordenadora pedagógica da escola estudada-23-09- 2015).

O que notamos é que mesmo não sendo frequentes essas reclamações na secretaria da escola, elas estão presentes nas relações entre os alunos nos corredores, dentro das salas e no cotidiano fora da escola, quando o discriminador se remete ao outro com apelidos associados a algo degradante ou sujo “a capoeira” como um lugar feio queimado no mato demonstra uma expressão racista discriminatória que pode provocar danos internos na criança que sofreu o racismo.

Apesar de todo trabalho e debate contra a discriminação racial percebemos que as ideias discriminatórias se mantêm ainda presentes nos ambientes escolares colocando em questão o desempenho e a ideia de democracia racial que figura em nosso país (FRANCISCO, 2000). Sendo assim Gomes (1995), trata da democracia racial como uma corrente ideológica que pretende eliminar as distinções e desigualdades entre a formação da sociedade brasileira (negra, indígena e a branca), existe igualdade entre todos, o que se percebe é que ainda está presente o racismo de forma sutil entre as pessoas (GOMES, 1995, P.61).

Rosemberg, (1987) afirma que,

As pessoas não herdam, geneticamente, ideias de racismos, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação, antes os desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola. Da mesma forma, podem aprender a ser ou torna-se preconceituosos e discriminadores em relação a povos e nações (LOPES, 2005 apud ROSEMBERG, 1987).

A impressão que se tem com as respostas obtidas na escola é que na sociedade o racismo quase não existe e já existe lei rígidas por isso não há uma preocupação com esse problema tudo está perfeito. Em entrevista com a coordenadora da escola pesquisada esta afirma,

... a criança que é vítima do racismo fica constrangida leva uma marca pro resto da vida isso, é ruim prejudica (Entrevista com a professora QL, coordenadora pedagógica da escola estudada, REALIZADA 23-09-2015).

Esta fala evidencia que a coordenadora tem consciência da existência de manifestações racistas e discriminatórias na escola e demonstra sua preocupação com essas ações que deixam marcas na criança. Em outra fala, a coordenadora (QL) reafirma:

“... a gente ver ainda preconceito contra o negro, mas agora as pessoas já estão mais conscientes... ainda acontece ironias brincadeiras que são formas de discriminação (Entrevista com a professora QL, coordenadora pedagógica da escola pesquisada realizada em 23-09-2015).

Ao falar sobre a discriminação racial a coordenadora faz uma colocação que se torna relevante do ponto de vista das ideias que circulam em relação ao negro na sociedade. O que fica subentendido é que, atualmente na sociedade contemporânea a uma consciência dos atos discriminatório devido as várias informações que temos sobre o assunto, mesmo assim a discriminação continua presente, pois ficam visíveis as dificuldades que as pessoas negras têm enfrentado com relação a cor de sua pele.

A questão do racismo ainda acontece a gente ver na televisão casos como de jogadores que são vítimas de racismo, a questão da empregada doméstica que aparece na televisão geralmente é negra, é uma questão que ainda vemos acontecer (Entrevista com a coordenadora QL, realizada em 23-09-2015).

A fala da coordenadora é significativa para pensar os programas de televisão que geralmente demonstram o negro na situação de inferior reforçando a ideia de discriminação racial formada sobre o negro. O preconceito racial no Brasil envolve atitudes e comportamentos negativos das pessoas em relação ao negro, os quais se dão em função da cor, da profissão, da situação em que eles são colocados. Como nos afirma Hasenbalg (1979), “a essência do preconceito racial reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não brancos e constitui a justificativa para exercitar o domínio sobre os povos de cor”. Falar que não existe preconceito ou racismo no Brasil é uma falsa ideia, (HASENBALG, 1979).

O preconceito está presente na sociedade brasileira, no cotidiano dos indivíduos, nas relações sociais (família, escola, trabalho). Nota-se como a discriminação é forte e marca a vida das pessoas, como se pode verificar na fala da coordenadora (QL) que

apresenta sua posição a respeito das cotas para negro segundo sua fala sobre as cotas ela diz que:

Não sei se você concorda comigo, mas acho as cotas é uma forma de discriminação por que coloca o negro como se ele fosse inferior em relação ao outros alunos brancos (Entrevista realizada com a coordenadora QL, em 23-09-2015).

O argumento da coordenadora levanta um assunto polêmico sobre um contexto que envolve diferentes pontos de vistas sobre os direitos de uma parcela da sociedade que ficou por tanto tempo marginalizada pelo processo histórico e educacional de nosso país.

A fala da coordenadora chama a atenção para um ponto importante da questão, que são as leis e programas, que atualmente priorizam os seguimentos negros da sociedade brasileira vemos que esses mecanismos são importantes, mas, não são suficientes para reduzir o descaso e a discriminação que continuam existindo na sociedade contra o negro, segundo Cavalleiro (2003) nas escolas a discriminação que ocorrem entre as crianças passam pelo conjunto de fatores que envolvem família escola e políticas públicas que se tornam em certos casos incapazes de reduzir a discriminação para a autora a discriminação acarreta prejuízos econômicos, além de psicológicos decorrentes das experiências traumáticas vividos pelos negros (CAVALLEIRO, 2003).

Algumas falas dos entrevistados evidenciaram que na escola são trabalhados temas importante como saúde meio ambiente algumas atividades culturais, mas não se havia atentado a se trabalhar questões sobre a semana da consciência negra e temas específicos sobre discriminação racial a não ser algumas apresentações nas feiras pedagógicas da escola. Quando foi perguntou a coordenadora QL se já havia trabalhado temas sobre a questão negra, discriminação, a coordenadora fez a seguinte colocação:

Aqui a gente trabalha a questão culturais assuntos sobre saúde são trabalhados os assuntos no geral... nos eventos ainda não tinha pensado nessa ideia de discutir essas questões (coordenadora QL).

Indiretamente percebemos que questões importantes como o dia da consciência negra não costumam ser trabalhado com frequência, o que passa a ser uma falha no processo para a compreensão dos diferentes grupos, conforme defende Cavalleiro, de que o silêncio existente na sociedade em relação aos conflitos raciais é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação na escola (CAVALLEIRO, 2003).

As entrevistas com a coordenadora evidenciaram que a atuação da escola se concentra em várias temáticas como discursão sobre saúde e algumas atividades culturais, geralmente os eventos e palestras envolvendo os temas de saúde datas comemorativos como dia da mulher eram realizados no barracão local para um maior acesso aos alunos e a comunidade local, portanto percebe-se o papel importante dessa escola em trabalhar conteúdos relevantes.

### 2.3. O CONTEXTO DAS EXPRESSÕES RACISTAS: O QUE PENSAM ALUNOS DA ESCOLA FRANCISCA XAVIERA ALVES VASCONCELOS?

Durante as entrevistas realizadas em uma das turmas do 4º ano do ensino fundamental a qual apresentava um total de 25 alunos ao todo sendo a maioria negro com idades entre 9 a 12 anos , foi perguntado se algum dos alunos já haviam sofrido algum tipo de discriminação em relação a cor da pele um deles respondeu:

“eu já sofri discriminação na hora do recreio tem um menino que me chama de girafa, preta, cabelo feio” ( E.P aluna do 4º ano do ensino fundamental).

A instituição escolar é um espaço de ensino e socialização entre os alunos, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental quando a criança passa a estabelecer relações e concepções variadas sobre o que considera diferente. Esse contato diversificado poderá fazer da escola um dos principais espaços das tensões raciais. Segundo o que aparece na fala da aluna percebemos que as relações que são estabelecidas entre crianças, sejam elas, brancas e negras fora ou dentro de sala de aula pode acontecer de modo tenso, ou seja, segregando, excluindo o outro. Segundo Cavalleiro, dentro dessas relações o uso de expressões discriminatórias acaba possibilitando que a criança negra adote em alguns momentos uma postura tímida, com receio de que seja rejeitada, insultada ou ridicularizada pelo grupo social em que se encontra inserida (CAVALLEIRO, 2003).

Segundo Amaral (1995),

A dificuldade enfrentada pelas crianças em seu convívio escolar tem algum denominador comum”. Se pensássemos nos costumeiros apelidos que circulam nos lábios infantis, tais como: “rolha de poço”, “azeitona no palito”, “pau-de-

sebo”, “nanico”, “crioulo doido”, “quatro olho”, “surdinho”, “tadinho”, “sequeta”, “mula mansa” entre outros (AMARAL, 1995, p. 11).

Essas abordagens trazidas pelos autores mostram que o processo de manifestação discriminatória no espaço educativo tem gerado um quadro de agressões tanto físico como simbólica (linguagem que desvalorizam o indivíduo. No caso dos alunos negros, o que na maioria das vezes tem acarretado uma série de sofrimentos no cotidiano desses alunos é, algo que nem sempre é visível aos nossos olhos, por que envolve tanto o caráter moral como o psicológico do indivíduo.

Diante de tal quadro não é de se estranhar que muitas crianças negras não queiram se identificar como tal, uma vez que, o papel do negro na sociedade está quase sempre relacionado a uma imagem negativa. Com isso, a autoestima e a autoconfiança desses alunos diminuem, na medida em que eles são postos diante de ideias negativo sobre o negro, fato presente na sociedade brasileira (COELHO, 2010).

Durante as entrevistas realizada entre os alunos da escola Francisca Xavier foi perguntado quais os tipos de apelidos que ocorriam com frequência e qual era a visão que eles tinham em relação as ideias de discriminação contra o negro.

Um dos alunos entrevistado respondeu que os apelidos mais frequentes são “pretinho”, “cabelo feio”, (MS aluna do 4ª ano do ensino fundamental).

O que fica subtendido nesta fala do aluno é que os apelidos geralmente associam o negro as caracterizas físicas como cabelo cor da pele mantendo uma comparação ao que se considerara padrão para a sociedade eurocêntrica, o branco de cabelos lisos e de olhos azuis, como sinônimo de beleza e civilização, logo essas características são associadas pelas crianças que tende a conceber as ideias racistas sobre negro impregnada pela sociedade.

Durante as entrevistas com alunos de outras turmas sobre a mesma pergunta, qual a visões deles sobre os apelidos racistas e se haviam sofrido racismo um deles respondeu:

Eles me chamam de macaco da noite, quando estamos na fila da merenda (AS aluno do 7º ano, entrevista realizada em 24-11-2015).

A partir dos relatos mencionados acerca dos apelidos racistas envolvendo alunos de outras series, observamos de forma clara e objetiva que os apelidos proferidos aos alunos de cor negra é na maioria das vezes relacionado a sua cor de pele ao seu biótipo ao cabelo

com o intuito de especificar uma diferenciação em relação ao branco e associar o negro a figura do animal ou algo detestável. Infelizmente os espaços escolares não estão isentos de ideias racistas apelidos pejorativos ocorreram e são vivenciados nos ambientes escolares. É a partir desse cenário que será preciso unirmos estratégias para combater esses atos que entristecem nossa sociedade. Em outra entrevista com alunos do 6º foi perguntado se algum deles já havia presenciado algum tipo de expressões racista na escola um deles respondeu:

Eu já vi o menino ta caçoando de macaco pro outro menino ele ia passando ai ele falou e ai macaco negrinho do campo (RF aluno do 6º ano entrevista em 24-11-2015)

A partir da visão que foi analisada percebe-se que o racismo é um problema que é visto e percebido pelos próprios alunos, notou-se também que vários alunos de diferentes series passam pelos mesmos apelidos, geralmente as atitudes racistas acontecem em espaços diferentes da sala de aula como os corredores ou fora da escola despercebidas das ações dos professores. Sendo assim o racismo na escola precisa ser analisado em diferentes ambientes, para isso, é necessário o acompanhamento dos professores e da escola em geral no intuito de que os mesmos possam implementar propostas metodológicas capazes de aprimorar o entendimento dos alunos acerca das diferenças, a compreensão e sensibilização de que independentemente das diferenças etnias, temos todos os mesmos direitos de ser respeitados.

Em relação a perguntas sobre a visão que eles tinham em relação as ideias de discriminação contra o negro, um dos alunos respondeu:

É por “causa da cor que acontece a discriminação por que é preto então é feio”. (MS em entrevistas com turmas do 4º ano ).

A violência atribuída à criança negra na sala de aula seja por meio de insultos ou expressões de cunho racista, muitas vezes tida como “normal” pelo seu grupo social, tem mostrado claramente a falta de respeito que desde muito cedo são concebidas pelas crianças brancas. Muitas vezes o professor não se dá conta do que está ocorrendo em relação a falta de motivação de um aluno por não ter o contato físico e afetivo com essas crianças, relegando indiretamente aspectos psicológicos que são provocados por discriminação e a rejeição do seu grupo social e causando-lhes grandes sofrimentos.

Segundo Cavalleiro (2003),

A dificuldade por professores em compreender a escola como um espaço onde o problema étnico também está presente pode representar um reforço para a manutenção do preconceito. Esse modo de conceber o cotidiano escolar impede uma busca de trabalhos e experiências que concorram para a superação desse problema. (CAVALEIRO; 2003 p;52)

Geralmente as pessoas não param para refletir se a questão da convivência multétnica ocorre dentro do espaço escolar e menos ainda na sociedade. Quando paramos para ouvir o que os alunos têm a dizer sobre os apelidos que praticam ou que sofrem no dia a dia percebemos que ideias discriminatórias carregadas de significados circulam sem nem mesmo serem questionadas, em uma das falas. Como relata uma das alunas do 4<sup>a</sup> ano entrevistada na escola Francisca X.A. Vasconcelos:

“Já me chamaram de cabelo de cricri, morena sempre eles me chamam assim. Uma vez em um torneio de bola eu tava jogando o menino me chamou de preta” (MS aluna do 4<sup>o</sup> ano entrevista 16-09-2015).

Essas ações de manifestação discriminatória no espaço educativo têm gerado um conjunto de agressões tanto física como simbólica linguagem que desvalorizam o negro, o que na maioria das vezes tem acarretado uma série de sofrimentos no cotidiano desses alunos negros, algo que nem sempre é visível aos nossos olhos. O que se subentende é que, a formação e construção da identidade do indivíduo é um processo que está presente nas bases do ensino.

No desabafo da aluna MS do 4<sup>o</sup> ano citada acima foi possível presenciar uma situação na qual a menina é vítima de expressões racistas praticadas por colegas durante uma brincadeira de um jogo de bola como se o ato discriminatório fosse algo comum e irrelevante, mas que infelizmente ainda são presenciados no dia a dia e muitas vezes fogem do espaço da escolar. A preocupação com que as crianças apreendem e praticam deve ser botada em questão quando atitudes discriminatórias aparecerem na escola. Em outro momento, pode-se observar a fala de outra aluna quando diz:

“Eu mesma já chamei o outro de preto, as vezes a gente chama, mas é só de brincadeira” (EP aluna 4<sup>a</sup> ano).

Percebe-se que esses pontos apresentados são algumas das carências que ainda permeiam o ensino e a questão da valorização das etnias. Questões como essas nos levam

a refletir acerca do conhecimento que o aluno obterá após praticar uma atitude discriminatória e não ser chamando atenção sobre esta ação, sobre as diferenças e a prática do racismo. Nesse caso é importante a atuação do professor de suma importância para desmitificar certas ideologias e lacunas presentes no cotidiano.

Diante desses pontos apresentados pela pesquisa verificou-se que as práticas de expressões racistas no espaço escolar se apresentam de forma sutil através dos apelidos e brincadeiras que são em certos casos controladas e coibida pela escola embora esta não possa dar conta de tudo ela busca alcançar uma prática onde o racismo seja menos presente utilizando para isso uma educação onde se busca o ensino de qualidade empregados por professores e funcionários da escola Francisca Xavier que procuram combater as expressões racistas que surgem entre alunos nesse espaço .

Neste sentido, foram colhidas informações, que ao serem analisadas pode nos mostrar que as práticas de discriminações contra o negro ainda estão presente nos dias atuais dentro da escola, e este problema pode interferir no desempenho dos alunos. Durante as entrevistas perguntou-se aos alunos se já tinham sofrido algum tipo de discriminação por causa da cor da pele, um dos entrevistados respondeu:

“eu já sofri discriminação me chamaram de preto, quando fazem isso eu fico com raiva e triste” (MS aluno do 4º ano do ensino fundamental).

Na fala desse entrevistado percebe-se como este problema interfere no ensino aprendizagem dos alunos. A discriminação racial no cotidiano escolar, precisa ser abordada para levantar as questões da discriminação que se apresentam de forma resignificada geralmente em formas de “brincadeiras”.

Partindo dos pressupostos, buscou-se chamar a atenção para que a discriminação e o preconceito não sejam difundidos como algo normal. Percebe-se pelas falas dos entrevistados da pesquisa que as pessoas envolvidas, ao retratar a discriminação racial, asseguram algumas ideias que parecem contraditórias sobre aqueles que a consideram apenas como uma brincadeira e aqueles que sofrem com esse racismo. Os que encaram as expressões racistas apenas como brincadeiras passam a contribuir para que ideias discriminatórias continuem circulando entre as pessoas.

A pesquisa mostrou nas falas de alguns dos funcionários da escola que as atitudes racistas antes praticadas não passavam de brincadeiras e que hoje com as leis essas atitudes são menos frequentes, o que é preocupante é o modo como as expressões racistas foram tratadas considerados como pequenos atos. Desse modo, atitudes racistas

continuam acontecendo não mais com caráter agressivo, mas empregadas nos gestos e apelidos que continua a circular e propagar a discriminação sutil dentro das escolas. Como já foi mencionado o racismo está presente em toda sociedade tanto dentro da escola como fora dela. Em geral essas manifestações geram humilhações que resultam muitas vezes em indivíduos tímidos, inseguros e inferiores aos demais. As consequências de brincadeiras racistas podem ser diversas e devem ser coibidas pelos profissionais da educação.

Precisamos acabar com a reprodução do racismo no seu cotidiano. Faz-se necessário uma reflexão sobre as ações em torno do problema que ainda existe no cotidiano escolar, segundo Coelho (2010) a discriminação racial e preconceito que são muitas vezes negados ou ignorados pelos agentes educacionais contribuem para um ensino excludente. Sabemos que a instituição escolar sozinha não garante os avanços necessários para superação do racismo, no entanto, é fundamental o papel de profissionais da área da educação para promover o envolvimento de todos no sentido de transpor a discriminação e a exclusão, (CAVALLEIRO, 2003).

Desta forma, verifica-se que não basta somente a formulação das leis, é preciso que haja uma transformação e conscientização também na elaboração dos materiais didáticos levando em consideração a participação dos diferentes grupos históricos. Além disso, partindo do pressuposto de que a escola é um agente de suma importância no processo educacional “uma vez que ela atua como participante no processo de formulação de atitudes e valores fundamentais à formação da cidadania dos educandos” (FERNANDES, 2005, p.381). Desta maneira através desta pesquisa podemos perceber o quando a abordagem sobre a discriminação racial pode nos mostrar que atitudes racistas existentes no espaço escolar, muitas vezes impedem ou atrapalha o processo de construção de conhecimento da criança negra impedindo-a de vivenciar de modo pleno sua própria infância.

As entrevistas feitas com professores, alunos e outros funcionários da escola evidenciaram que as relações raciais encontram-se bastante superficial, faltam ações voltadas para promoção de uma educação antirracista. Para tal ação deve haver o envolvimento de profissionais que trabalham na escola e ocupam papel importante, pois, há possibilidade de mudar o perfil das relações raciais no ambiente escolar por meio da construção coletiva e uma educação voltada para o combate das atitudes racistas dentro da escola sejam em forma de brincadeiras ou qualquer outra forma.

No entanto, é preciso estar atento para alguns atos ou apelidos não só praticados por alunos, mas também presente nas ações dos que compõem o ambiente escolar segundo Cavalleiro, um professor que estabelece padrões e valores de quem é “melhor ou pior”, também contribui para que atitudes discriminatórias ocorram no espaço de sala de aula. Pois, é papel do professor a transmissão do saber construtivo para a vida em sociedade onde não exista espaço para a discriminação (CAVALLEIRO, 2005).

As entrevistas ao logo da pesquisa nos mostram também que os atos de apelidos entre os alunos dessa escola demonstram que os alunos negros que são vítimas em alguns casos mostram sua reação sobre a ofensa se ofendem o que é esperado diante de atitudes como essas de apelidos e nomes pejorativos que são proferidos, em outro ponto da pesquisa percebe-se que alguns levam na brincadeira caracterizando o que eu chamo aqui de “brincadeira de mau gosto” outro utilizam o apelido como algo normal como apelidos entre indivíduos da mesma cor o que pode constatar durante a pesquisa é que muitos dos apelidos ocorrem entre os próprios negros sem conflitos como algo normal.

Não encontrei nesta pesquisa relatos de alunos que tenham parado de estudar por motivos de discriminação, embora o racismo na escola seja um assunto conhecido do ponto de vista dos educadores, percebe-se que ainda circulam apelidos e caçoadas em relação a cor da pele entre os alunos, em alguns casos apelidos entre negros que se mostram como algo normal.

Durante a pesquisa percebi que um aluno negro se referia ao outro negro com o apelido de leite ambos mantinham isso como normal. Dessa forma a pesquisa aponta que circulam expressões racistas na escola presente no cotidiano das relações entre os próprios alunos negros, essas relações se mostram como normais por não haver reações de agressão física por parte dos que recebem ou usam o apelido no caso desses alunos citados acima eles mantinham esse apelido como um apelido comum entre eles.

Portanto notamos que o estereótipo tido como preceito faz com que o aluno negro tenha uma visão disforme de si, tornando-se empecilho para o estabelecimento de relações sociais nas escolas e na própria relação de respeito ao outro.



## **CAPITULO III**

### **O CONTEXTO DAS IDEIAS RACISTAS A PARTIR DO MATERIAL DIDATICO.**

### 3.1. O LIVRO DIDÁTICO E SUA RELAÇÃO COM AS IDEIAS RACISTAS: UMA ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO USADOS PELOS ALUNOS DO 4º ANO DA ESCOLA FRANCISCA XAVIER. A. VASCONCELOS.

Quando falamos em discriminação étnico-racial nas escolas, certamente estamos falando de práticas que envolvem um universo composto de relações pessoais, onde as diferenças passam a ser postas em debate, entre estudantes, professores, direção, mas também das fortes concepções racistas que podem ser repassadas através de outros mecanismos como exemplo os livros didáticos (SANT'ANA, 2005, p.50).

Ao analisar as coleções didáticas utilizadas pelos professores da escola Francisca Xavier levou-se em consideração algumas leituras norteadoras que foram fundamentais para o entendimento das ideias discriminatórias que podem ser transmitidas pelos materiais didáticos no ambiente escolar, as mesmas permitiram observar melhor os conceitos que estão presentes nessas coleções, e os detalhes que muitas vezes passam despercebidos pelos professores como imagens e conceitos que podem fertilizar atitudes discriminatórias. Sendo assim é interessante destacar o conjunto de características que estão presentes nos manuais didáticos. Segundo Sant'Ana,

Quando falamos em discriminação étnico-racial nas escolas, certamente estamos falando de práticas discriminatórias, preconceituosas que envolvem um universo composto de relações pessoais, entre os estudantes, professores, direção da escola, mas também do forte racismo repassado através dos livros didáticos (SANT'ANA, 2005, p. 50).

Dessa forma ao analisar O livro didático da autora Celia Passos e Zeneide Silva, coleção “*eu gosto mais*” 2014 destinado aos alunos do 4º ano é utilizado na Escola Municipal Profª. Francisca Xavier, no município de Cametá/PA, foram percebidos alguns pontos que chamaram a atenção. Uma das primeiras situações que merece ser destacada aqui é o fato de o livro didático utilizado pelos alunos do 4º ano dedicar um considerável número de páginas para abordar situações ou acontecimentos ligados ao contexto histórico da colonização, ao serem comparados com outros assuntos percebeu-se que temas relacionados ao negro aparecem a partir de pequenos pontos através de imagens que mostram a figura do negro associada ao trabalho braçal e de aparência servil em outros momentos já se ver o negro sendo abordado no contexto contemporâneo com

profissões e cargos importante na sociedade embora seja em alguns momentos esses materiais já mostram uma preocupação em demonstrar o negro em outro contexto.

Para Silva (1995),

O livro didático de modo geral, omite o processo histórico e cultural o cotidiano e as experiências dos segmentos subalternos da sociedade como índio, o negro, a mulher, entre outros. Em relação ao segmento negro sua quase total ausência nos livros e sua rara presença de forma estereotipada concorrem em grande parte para fragmentação de sua identidade (SILVA, 1995, pp.47-8)

Com base no que afirma Silva, percebemos que muitos materiais didáticos não dão a devida ênfase para seguimentos marginalizados pela sociedade como índio e negros. Contudo, precisamos ter o cuidado para não despejarmos toda culpa sobre o livro didático, não podemos negar a importância que ele possui, segundo Bittencourte, (2009) mesmo com todas as críticas que são despendidas com relação ao seu uso, ele ainda tem sido o principal recurso pedagógico utilizado no processo de ensino aprendizagem em nossas escolas (BITTENCOURT, 2009).

De acordo com Oriá (1996), “cabe ao professor analisá-lo e verificar as lacunas que compõe esse material didático; esse é o grande desafio” (ORÍÁ, 1996, p.158). Na escola em estudo o livro didático analisado de Celia Passos e Zenaide Albuquerque coleção *eu gosto mais* utilizado pelas turmas do 4º ano foi possível notar a presença negra em alguns momentos, na lição de nº 6 do livro, é abordado a “formação da sociedade brasileira” páginas 287 a 293 dando destaque para subtemas como os -africanos escravizados- e pessoas livres. Na imagem contida nessas páginas, os negros aparecem na condição de inferior, submetido ao processo da escravidão, como sendo transportados em porões de navios negreiros ou sendo negociados como mercadorias como é mostrado nas páginas seguinte deste trabalho. Mas o livro traz também em seu conteúdo boas abordagem demonstrando as diferentes funções e trabalhos que os negros desempenhavam confirmando que o negro não estava limitado somente ao trabalho na lavoura.

Quando é perguntado a professora KL responsável por uma das turmas do 4º ano, se já havia trabalhado conteúdos sobre África com os alunos, ela disse:

“eu ainda não trabalhei esses conteúdo com eles ainda irei trabalhar na aproxima unidade”

A professora que ainda não havia trabalhado com os alunos a unidade do livro, que se refere a assuntos sobre África, disse que iria trabalhar nas aulas seguintes dessa forma mostra-se que os conteúdos sobre a sociedade negra são trabalhados pela professora. Nas análises dos conteúdos e imagem do livro utilizado pela professora é possível notar um conteúdo significativo referente a forma como as autoras trabalham os conteúdos no livro fazendo uso de textos auxiliares como forma de contextualizar o conteúdo e as imagens presente neste material didático.

Embora os conteúdos ainda sejam resumidos o livro traz abordagem sobre a participação do negro em diferem setores da sociedade, como músicos, políticos artistas como se percebe na imagem de número três abaixo.

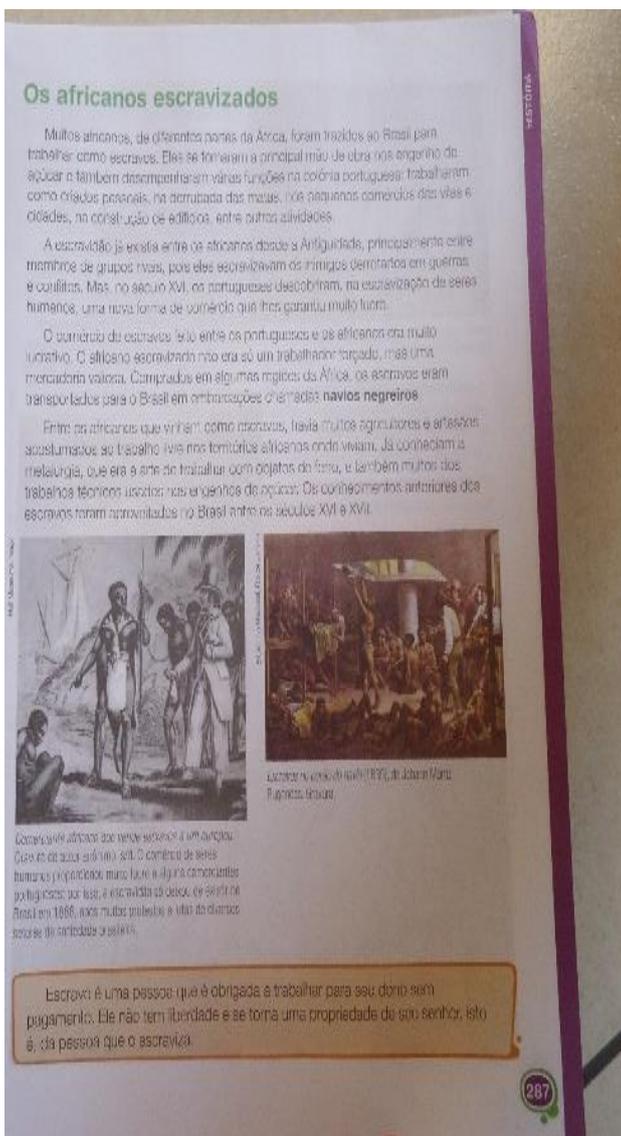
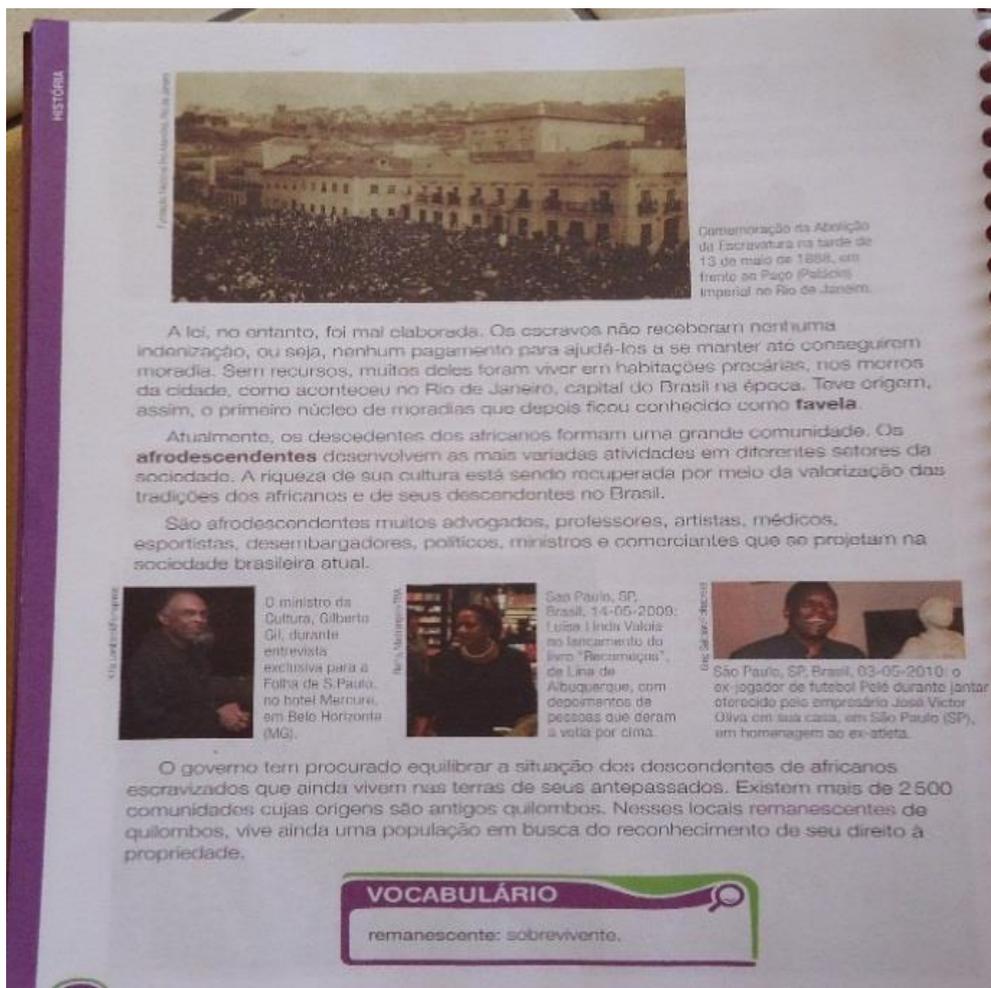


Imagem 1- (Fonte: livro 4º ano coleção Eu gosto mais, 20014)



Imagem 2-(Fonte: livro 4º ano coleção Eu gosto mais, 2014)



(Imagem 3-Fonte: livro 4º ano coleção “Eu gosto mais”, 2014)

Nas imagens acima são retratadas as condições dos afrodescendentes atualmente no Brasil qual o papel do governo em regularizar a terras daqueles que são os descendentes de escravos e a ênfase de personagens negras famosas que ocupam lugar de destaque na sociedade

Através dessas imagens e conteúdo que são demonstradas no livro percebe-se que alguns conteúdo e imagem trazem relações importante do papel do negro na sociedade atual como cantores, jogadores, ministros personagens em geral da sociedade brasileira.

Diante dessa análise percebermos como os livros didáticos vem carregados de imagens que podem contribuir para o entendimento ou para concepções mal formuladas sobre a história do negro sendo importante diante desses materiais o esclarecimento do professor sobre os conteúdos e imagens apresentado nos manuais didáticos.

Bittencourt (2009) afirma que,

a imagem nos livros didáticos é algo que vem para facilitar o entendimento do aluno, isto é, um mecanismo que possa proporcionar ao discente entender através da ilustração o que estava —acontecendo em um determinado período, —ver as cenas históricas era o objetivo fundamental que justificava, ou ainda justifica, a inclusão de imagens nos livros didáticos em maior número possível, significando que as ilustrações concretizam a noção altamente abstrata do tempo histórico (BITTENCOURT, 2009 , p.75).

Em parte é comum encontrar nos materiais didáticos grupos da sociedade destituídos de seu lugar na história como índios e negros, “atribuindo os fatos a outros personagens, restando ao negro ser descrito ligado ao seu tom de pele e ao trabalho braçal” (SILVA, 2005, p.22). Diante disso percebe-se como a transmissão desses conteúdos pode promover a exclusão e a desvalorização de determinados grupos, como afirma Silva,

A presença de estereótipos nos materiais pedagógicos, e especificamente nos materiais didáticos, pode promover a exclusão, a cristalização do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto rejeição e a baixa estima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado (SILVA, 2005, p. 24).

Essa forma pela qual o negro é mostrado nesses conteúdos didáticos é também fruto da construção presente em nossa historiografia tradicional que massificava o estudo dos grandes personagens da história. Segundo Bittencourt (2009). Razões como essas nos levam a refletir acerca da importância de se saber trabalhar com esse recurso didático, pois ele possui particularidades que devem ser analisadas; uma dessas vem ser exatamente a forma como ele tem apresentado o negro, essa abordagem torna-se de fundamental importância principalmente depois da criação da lei 10.639/03, a qual foi sancionada com o objetivo de se valorizar a história da África e mudar o quadro ocupado pelos negros nos manuais didáticos. A análise do material se torna importante para pesquisa na medida que este é um dos principais meios de ensino no qual professores e alunos utilizam, e quando mal trabalhado pode contribuir para formulação de ideias racistas sobre os grupos apresentados como irrelevante, dessa forma o livro tem o papel importante junto ao ensino.

Bittencour (2009) considera que o livro didático também é um depositário de conteúdo escolar,

(...) suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares, com isso ele se torna um importante meio pelos quais são transmitidos os conhecimentos e técnicas consideradas fundamentais de uma sociedade em determinada época. Ele também pode ser considerado como instrumento pedagógico o livro didático, nesse aspecto, elabora as estruturas e as condições do ensino para o professor (BITTENCOURT, 2009, p.71-72).

Nesse contexto faz necessária um julgamento quanto a escolha e a forma de se trabalhar o material didático: A escolha do material didático é assim uma questão importante e que envolve o comprometimento do professor e da comunidade escolar perante a formação do aluno. O material didático por ser instrumento de trabalho do professor, passa a ser fundamental para a formação de ideias apresentadas por ele para o aluno, nesse sentido, é importante refletir sobre os diferentes tipos de materiais disponíveis e sua relação com o método de ensino (BITTENCOURT, 2009, p. 298).

O que percebemos é que em geral os alunos tende a associar as imagens as ideias pejorativas que passam a circular em suas cabeças. Segundo Bittencourt, (2009) o ato de escolha e a forma de trabalhar com o livro didático envolve uma série de questões que não podem ser deixadas de lado pelo docente, pois ele será um importante suporte para professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido é importante termos em mente que, esse material didático usado como recurso de fundamental auxílio no processo educacional deve ser colocado aos alunos problematizando seu conteúdo no sentido de contribui para uma visão crítica sobre a variedade de imagens e textos escritos, é preciso que seja despertado uma inquietação com relação à visão que ele apresenta acerca do negro, pois na sua grande maioria eles podem carregar uma gama de visões discriminatórias. Segundo Rosemberg, (1998), que tem se observado nas escolas é uma formalidade pedagógico inadequado quando se trabalha o material didático.

No mesmo sentido Cavalleiro (2005) afirma que,

O silencio dos professores perante as situações impostas pelos próprios livros escolares acaba por vitimar os estudantes negros. Esse ritual pedagógico, que ignora as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar, pode estar comprometendo o desempenho e o desenvolvimento da personalidade de crianças e de adolescentes negros, bem como está contribuindo para a formação de crianças e de adolescentes brancos com um sentimento de superioridade (CAVALLEIRO, 2005, p. 32 -33).

Nesse contexto, é importante o professor conhecer a qualidade do material e a concepção que os alunos têm sobre o livro. O que se constatou nessa pesquisa é que os

livros didáticos utilizados na escola Francisca Xavier já apresentam características importantes sobre o papel do negro na sociedade, demonstram uma construção preocupada em problematizar o conteúdo da escravidão com a atualidade, o livro **eu gosto mais**, de Passos & Silva (2014), destaca a situação das comunidades afrodescendentes a riqueza de sua cultura que estão sendo reconquistadas por meio da valorização das tradições africanas e seus descendentes no Brasil.

Em um trecho do livro didático do 4º ano utilizado na escola onde foi feita a pesquisa é apresentada a seguinte afirmação:

O governo tem procurado equilibrar a situação dos descendentes de africanos escravizados que ainda vivem nas terras de seus antepassados. Existem mais de 2500 comunidades cujas origens são antigos quilombos. Nesses locais remanescentes de quilombos, vivem ainda uma população em busca de reconhecimento de seus direitos à propriedade (PASSOS & SILVA, 2014)

Nota-se que no conteúdo do livro estão contidos textos que apresentam os negros em uma posição de reconhecimento, lutando por seus direitos recebendo destaque entre os setores da sociedade. Embora os negros ainda sejam os mais prejudicados pelo processo histórico que levou o negro a ser estereotipado visão que infelizmente, mesmo com tantas mudanças, ainda se faz presente na sociedade onde são comuns associar o negro ao inferior discriminando por sua cor e condição apresentada no contexto social em formas de discriminações que podem ser físicas e psicológicas como o uso de apelidos e brincadeiras de mau gosto como associar a imagem do negro a algo ruim ou pejorativo por causa de sua cor de pele.

Com isso podemos entender que a análise dos conteúdos dos materiais didáticos é um ponto a ser analisado quando se pensa sobre as concepções racistas por isso a abordagem sobre o material é muito importante junto aos professores para desconstruir imagem e ideias ambíguas que podem estar presentes na memória dos alunos. De acordo com Jean (1997) “a tolerância consiste, pois, em certa medida, em aceitar a presença, ou a atividade, ou a existência de pessoas ou de ideias com as quais não estamos forçosamente de acordo” (JEAN, 1997, p.52). Portanto, é possível afirmar que a boa escolha e interpretação dos conteúdos didáticos são eficazes para o entendimento e respeito as diferenças. Nesse ponto destaca-se que o material dos alunos da EMEF Francisca Xavier Alves Vasconcelos é um material de boa qualidade onde são problematizadas questões importantes a respeito do papel do negro atualmente como foi

demonstrado nas imagens do livro acima que traz questões importante sobre os descendentes de escravos e suas conquistas na sociedade brasileira.

### 3.2. AS IDEIAS QUE SURGEM DIANTE DO CONTEUDOS DO LIVRO DIDÁTICO, COMO MUDAR ISSO?

O que é preocupante são as formas como o racismo pode se fazer presente através dos conteúdos estereotipados dos livros didáticos quando são mal construídos e trabalhados, isso acaba fazendo com que os alunos criem ideias mal formuladas sobre a contribuição do negro para a formação da sociedade. A presença de estereótipos nos materiais didáticos, pode promover a exclusão do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto rejeição e a baixo autoestima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado (SILVA, 2005)

Durante as entrevistas com os alunos da escola Francis Xavier em uma das fala de um alunos do 4º ano quando e perguntado qual é a visão que eles tem do negro no livro ele diz:

O livro “é importante, mas ele sempre aparece com imagens de negros trabalhando no serviço pesado e apanhando. (RN aluno do 4º ano do ensino fundamental)

Diante da fala do aluno percebemos como o livro pode transmitir uma ideia mal formulada sobre a imagem do negro, pois tal ação precisa ser trabalhada pelo professor colocando a imagem para ser discutida em sala de aula o que levará ao conhecimento da potencialidade que a mesma possui e o esclarecimento para o aluno de determinada realidade contribuindo dessa forma para o desenvolvimento das atividades pedagógicas de ensino (RICCI, 2010)

Precisamos, pois, propiciar, por meio do ensino em todos os níveis, o conhecimento de nossa diversidade étnica, bem como a necessária informação sobre os bens culturais de nosso rico e multifacetado patrimônio histórico. Segundo Fernandes, só assim estaremos contribuindo para a construção de uma escola plural formando cidadãos cômicos de seu papel como sujeito sociais e como agentes de transformação em um ambiente menos racista (FERNANDES, 2005, p 386).

Sendo assim as visões discriminatórias direcionadas aos negros poderão ser combatidas pela escola, o conhecimento sobre a diversidade, possibilitará um grande

avanço no sentido de contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seu papel e de sua importância na sociedade em que estão inseridos. Nesse contexto professores alunos direção e o trabalho crítico em relação ao material didático constitui-se como importantes mecanismos para diminuir as práticas racistas.

O papel do professor tem relevante participação na formação dos alunos, pois se o mesmo conseguir propiciar aos discentes um conhecimento que os possibilitem tornarem-se pessoas com visões positivas sobre determinados grupos sociais tanto negro, como outros seguimentos da sociedade ele estará contribuindo para o combate ao racismo e a discriminação contribuindo para o conhecimento que será construído por toda a vida.

O papel do professor em relação as determinadas situações discriminatórias é apresentar soluções para o problema, não deixando que tal fato venha prejudicar de modo geral suas atividades e o convívio social dos alunos, segundo Cavaleiro (2003) diante das “brincadeiras” racistas terá que tomar uma posição de diálogo entre o que pratica e o que sofre a ação discriminatória

Nesse conjunto de fatores que envolve material didático professores e a escola em geral percebemos que o preconceito racial ainda é um grande tabu a ser quebrado, diante dessa situação quem mais se depara e sofre com a tal situação é o aluno negro que sofre em sala como apelidos que podem deixar marcas. Nesse sentido, a escola deve apresentar propostas que irão auxiliar no combate ao racismo mediante esse assunto, que deve envolver toda comunidade escolar como um todo e seu entorno, como objetivo de apresentar soluções para o problema, que vem ocorrendo em grande escala não só em um ambiente interno escolar mas, vem crescendo também a nível nacional.

Um dos principais desafios colocados pelo multiculturalismo hoje no Brasil, é o de saber como educar-se para uma sociedade multicultural, para o respeito à diferença, e o que implica na mudança racial de atitudes, de valores, e de respeito ao outro e não a mero exercício de tolerância.

Segundo Candau (2008) caráter multicultural de nossas escolas é muito pouco trabalhado bem como reconhecer a diversidade da clientela da nossa sociedade, seja por gênero, por classe, por raça, e que possui culturas diferentes, não é bastante, pois, a simples presença física de seus alunos evidencia isso. Diante disso é fundamental que esse conhecimento seja acompanhado de uma gestão de respeito às diferentes classes sociais por uma mudança de atitudes em relação a eles, para que essa escola seja capaz de criar estruturas potentes para transformar as relações de dominação e de exclusão, tanto no seu interior quanto na sociedade desenvolvida (CANDAU, 2008).

Segundo Cavaleiro afirma que:

O ambiente escolar é um espaço impregnado de um racismo silencioso, fundamentado na cristalização das imagens negativas, presentes no imaginário social, cuja criança negra é a maior vítima, por isso, faz-se necessário conhecer a qualidade do processo de socialização vivenciado por elas. (CAVALLEIRO, 2003, p. 21).

No recinto escolar, o racismo ainda apresenta fortes discriminações nos dias atuais, um problema vivenciado no cotidiano dos professores, que divulgaram as várias formas de manifestações contra as práticas raciais que já presenciaram neste ambiente, sendo a mais citada a verbal e direcionadas, em sua maior parte, à indivíduos negros, grupo afro-brasileiros que tem sido a maior vítima do racismo nesse país.

Diante disso, o racismo é um problema que é entendido e visto também no ambiente escolar, notou-se que vários professores, de certa forma, se posicionam de maneira pouco significativa, tentando resolver esse problema apenas quando ele se manifesta, e não de maneira preventiva, como deveria ser realizado.

Portanto, o racismo na escola precisa ser banido como também do meio social, para isso, é necessária a capacitação dos professores, funcionários e a escola em geral, no intuito de que os mesmos possam implementar propostas metodológicas capazes de aprimorar o conhecimento dos alunos ao entendimento, a compreensão e sensibilização de que independentemente das diferenças étnias, na qual ser humano deve ser incluído no mesmo processo de igualdade entre todos os indivíduos de diferentes classes sociais, de forma a cumprirem seus deveres e a merecerem os mesmos direitos, dentre eles, o de ser reconhecidos, e serem valorizados em todos os aspectos com direitos de livres manifestações e decisões em meio aos seus objetivos apresentados ao público de tal forma que venha a ser executados as suas reivindicações como: respeito, valores, cidadania e igualdade, com a finalidade promover um ambiente coletivo e justo.

Portanto o corpo docente da EMEF Francisca Xavier Alves Vasconcelos tem promovidos eventos culturais como feiras pedagógicas como foram mostrados na página 34 desta pesquisa imagens que mostram os membros da escola preocupados na valorizar e na participação dos alunos nas questões sociais como a organização eventos culturais e educativos que buscam intrigar os alunos aos conhecimento culturais como foram demonstrado ao longo do trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de concepções racistas no ambiente escolar ainda se apresenta como algo comum, que está envolvida num processo de manutenção de estereótipos ligados a imagem do negro, mas que gradativamente, passa por um movimento de desconstrução desses estereótipos. Com base nos textos analisados nesta monografia e a análise da utilização de “expressões racistas” dentro do espaço escolar pode-se ser elucidada a discriminação racial em três pontos importantes: num primeiro momento, em que se observa a existência de um racismo declarado, sob influência das teorias evolucionistas do século XIX; em outro momento a condição em que o negro foi associado ao longo da história, como escravo e em condições inferiorizadas; e a questão das constantes situações de discriminação “sutis”, apelidos devido aos estereótipos ligado a imagem do negro, que sustenta um processo de invisibilidade deste e reforça estereótipos negativos há tempo existentes na sociedade brasileira.

Desta forma a pesquisa em torno das expressões e brincadeiras de mau gosto como foram tratados os apelidos e caçoadas em relação a cor da pele empregadas pelos alunos se torna de fundamental importância sobre os estudos das ideias racistas dentro do espaço escolar.

Pode-se concluir hoje, que apesar das conquistas dos grupos negros por seu espaço na sociedade o preconceito racial ainda é frequente. A pesquisa nos permitiu notar que mesmo nos espaços escolares onde há uma gama de discursos sobre as diferenças e a discriminação ainda são comuns concepções racistas apresentados sobre formas de brincadeiras geralmente praticadas entre os alunos, além dos outros fatores que podem ser mecanismos de discriminação racial como materiais didáticos e atitudes dos funcionários no ambiente escolar.

Mesmo com as várias questões debatidas sobre a valorização dos grupos marginalizados da sociedade como o segmento negro, ainda podemos presenciar expressões racistas na sociedade. A exemplo do que foi constatado nessa pesquisa é que apesar dos eventos culturais realizados na escola em estudo como feiras pedagógicas que trabalham junto com os alunos temas sobre a questão negra alguns alunos ainda não concebem a valorização das diferenças étnicas como algo normal. A boa notícia é que os espaços escolares passaram a se mostrar mais comprometida com a valorização e

discursão sobre as diferenças através de programas e projetos sociais e professores que reconhecem a importância da diversidade étnica cultural. Percebemos que os professores da EMEF Francisca Xavier Alves Vasconcelos são comprometidos com a valorização da questão cultural e das diferenças étnicas promovendo durante o ano letivo eventos como feiras culturais e debates no espaço escolar.

Porém, sabemos que afirmação dos direitos em nosso país, não é uma tarefa simples, conforme análise de vários autores apresentados nesta pesquisa como Cavalleiro, (2003), Coelho (2010) entre outros, que mencionou que a discriminação racial esteve e ainda está presente na memória das pessoas e que ainda vivemos numa falsa democracia racial. A pesquisa na E.M.E.F Francisca Xavier Alves Vasconcelos da rede pública do município de Cametá nos mostra que ainda temos o desafio de combater as práticas racistas e que ações dentro da escola são considerados essenciais para que construamos uma sociedade mais justa e igualitária através da valorização da cultural e das diferenças. Como combater as práticas, através dos eventos culturais que buscam mostrar a importância e a valorização dos vários seguimentos da sociedade brasileira.

Nesse cenário é necessária a implantação das políticas públicas tendo a escola como foco para a cidadania e que as diferenças sejam reconhecida como algo bom e necessário. A lei 10.639/93<sup>3</sup> é um passo dado pela educação para a valorização dos grupos étnicos de nosso país, embora ainda existam formas de desvalorização do negro, podemos dizer que estamos avançando na busca por uma sociedade mais justas e com direitos iguais para todos. A escola tem o papel de tornar a sociedade menos excludente é fazer com que as políticas e conquistas alcançadas até aqui não fiquem só no papel. A valorização da diversidade se materialize como um importante e real instrumento de proteção social aos que são vítimas da discriminação racial.

O que foi constatado nessa pesquisa é que a as expressões de discriminação racial que aparece no dia a dia da escola Francisca Xavier geralmente são em forma de apelidos entres os alunos alguns desses apelidos são praticando como uma ofensa ao colega e

---

<sup>3</sup> Lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino da história da África e cultura afro-brasileira nas escolas. Segundo o artigo 26 -\Art.26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e medio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira.

1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. Resgatando a contribuição do povo negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes a História do Brasil.

2o Os conteúdos referentes a História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo currículo escolar, em especial nas áreas da Educação Artística e de Literatura e Historia Brasileiras (BRASIL, 2004.P).

outros apelidos como algo normal como exemplo as formas de tratamento entre os próprios alunos negros que utilizam apelidos que são aceitos entre eles como algo habitual, mas que estão inseridos num contexto discriminatório. Apesar dos professores da escola serem comprometidos e realizarem eventos que são importantes para diminuir ações racistas como feiras pedagógicas que trabalham a questão da discriminação, percebemos que as ações racistas ainda são presentes e não são levadas a sério por parte de alguns alunos que proferem apelidos e brincadeiras muitas dessas trazidas do convívio familiar e social.

Durante a pesquisa foi observado que a escola realiza ações que são importantes para desfazer as ideias racistas e injúrias racial, e que os professores são comprometidos. Da mesma forma, foi verificado que os apelidos entre os alunos se mantem em duas situações: os que são aceitos pelos próprios indivíduos, que recebem como algo carinhoso e normal; e os que não são aceitos como os pejorativos, que tem o caráter de denegrir a figura do negro. Na primeira situação, os apelidos são encarados como carinhosos como: meu pretinho, leite, expressões de uso entre os de cor negra. Na segunda situação apresenta-se de forma mais agressiva como o uso de expressão, os alunos se apelidam, como forma de agressão, usando característica e estereótipos, como: cabelo de palha de ação, macaco, pretinha da capoeira, cabeça de casa de calva. Demonstrando a intolerância pelo que eles consideram diferentes. Geralmente esses apelidos não geram maiores problemas como, agressões físicas, essas situações de apelidos são logo reprimidos, quando são percebidos pelos professores, pois, nem sempre podem presenciar, uma vez que estes ocorrem fora do controle dos professores, pelos corredores, fora do espaço da escola, e em alguns casos dentro da sala como forma de agressão verbal entre os alunos.

Diante dessa conjuntura apresentada nesse espaço escolar, não podemos medir até que ponto essas agressões verbais podem interferir no aprendizado ou no rendimento desses alunos negros, sabemos que a discriminação abala o lado psicológico de uma criança negra devido as agressões verbais que sofre, mas a partir das análises dos dados da pesquisa se observou que os apelidos que existem entre esses alunos não tem provocado evasão de alunos negros, geralmente os conflitos gerados a partir dos apelidos são resolvidos na hora com advertências e esclarecimentos sobre as diferenças. É notório, também, que os alunos negros não se mostram abatidos com os apelidos, pelo contrário, se exaltam e revidam a ofensa.

Neste sentido, a partir deste estudo, fica evidente que é preciso ultrapassar os limites impostos pelo racismo, não adianta somente criar leis, é preciso que haja uma

profunda conscientização da sociedade em geral, é preciso que lutemos contra toda a forma de discriminação ainda presente em nossa sociedade e em particular no universo escolar, nós como educadores precisamos contribuir para a formação de cidadãos conscientes de que discriminar alguém pela cor de sua pele ou qualquer outro pretexto é uma atitude extremamente desumana que precisa ser amplamente combatida, e o espaço propício para fazermos isso é a escola. Portanto, nessa caminhada precisamos participar e atuar na sociedade como agentes conscientes de nossas ações, essa luta não pode se restringir somente ao movimento negro, ou só ao estado com suas políticas públicas, ela precisa ser abordada junto com a sociedade e a escola.

## FONTES DA PESQUISA

### a) FOANTE ORAIS

Profª: (QL)- Coordenadora da escola Francisca Xavier e moradora da localidade de Mupí

Professora (KI) trabalha com turmas do 4 ° ano, moradora da localidade de Mupí

(J) secretário da escola Francisca Xavier e morador da localidade de Mupí

(LS)- auxiliar administrativa e moradora da localidade de Mupí

(MS), - Aluna do 4º ano do ensino fundamental da escola Francisca Xavier

(EP) Aluna do 4º ano do ensino fundamental da escola Francisca Xavier

(RF) Aluno do 6º ano do ensino fundamental da escola Francisca Xavier

(AS) Aluno do 7º ano do ensino fundamental da escola Francisca Xavier

(RN) Aluno do 4º ano do ensino fundamental da escola Francisca Xavier

### b) FONTES BIBLIOGRÁFICAS

CAVALLEIRO, Eliana dos santos. Do Silencio do Lar ao silencio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 3 ed São Paulo: Contexto 2003.

COELHO, Wilma de Nazaré Baia, Coelho Mauro Cesar, **Raça Cor e Diferença**: a escola e a diversidade -2 ed Belo horizonte: Mazza edição 2010,

HERNANDEZ, Léia Leite. “**Pan-africanismo: a noção de raça: dominação e resistência**” In HERNANDEZ. Leila Leite. A África na sala de aula: visita a história contemporânea. São Paulo: selo negro, 2005.

PASSOS, Celia, Zenaide Albuquerque **eu gosto mais** : Integrado 4º ano; ilustrações José Luiz junho João Anselmo e Izomar, Lie Kabayashi - 2. ed.- São Paulo: Ibep,2014.

## BIBLIOGRAFIAS

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1988-1998)**. Tradução: Magda Lopes. Bauru (SP): EDUSC, 1998.

BITTENCOURT (org.) “O saber histórico na sala de aula. 11ªed. São Paulo: Contexto, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

CAVALLEIRO, Eliana dos santos do silencio do lar ao silencio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 3 ed São Paulo: Contexto 2003.

COELHO, Wilma de Nazaré Baia, Coelho Mauro Cesar, **Raça Cor e Diferença: a escola e a diversidade** -2 ed Belo horizonte: Mazza edição 2010,

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação: desafios para a pratica pedagógica**. IN multiculturalismo- diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ :Vozes, 2008

FERNANDES, José. **O livro didático e a pedagogia do cidadão: O papel do instituto histórico Geográfico Brasileiro**. Seculum'- Revista de História [13]; João Pessoa, jul/dez.2005.

FONSECA, Maria de Nazareth Soares. “**Visibilidade e ocultação da diferença**”. In Brasil afro-brasileir.2 ed Belo Horizonte: altentica,2001, p.87-151

JEAN, George. **O racismo contado às crianças**. Lisboa. Terramar, 1997.

GOMES, Nilma Lino, —**Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação. Superando o Racismo na Escola**. 2ª edição revisada/ Kabegele Munanga, organizador.[ Brasília]: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade 2005.

\_\_\_\_\_ **Diversidade Étnico-Racial, Inclusão e Equidade na Educação Brasileira: Desafios, Políticas e práticas**. 2007.

HERNANDEZ, Léia Leite. “**Pan-africanismo: a noção de raça: dominação e resistência**” In HERNANDEZ. Leila Leite. A África na sala de aula: visita a história contemporânea. São Paulo: selo negro, 2005.

LAKOMY, A. M. Teorias Cognitivas da Aprendizagem. 2. Ed. Ver. E atual. – Curitiba: Ibpex, 2008.

LEI 7716/ 89 disponível em: <<http://www.Ministério Público da União, Distrito Federal e Territórios.com.br>>. Acesso em: 6 de outubro de 2015.

LOPES, Vera Neusa. **Racismo, Preconceito e Discriminação**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. Ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MONTEIRO. Paula. **Diversidade Cultural: inclusão, exclusão e sincretismo**. IN DAYRELL, Juarez(org) múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte UFMG 1996, p. 85

MOURA, Gloria. **Ilhas negras num mar mestiço**. In: Carta falas, reflexões, memórias. RIBEIRO, Darcy. Brasília 4, n.13, 1994.

MÜLLER, Maria Lúcia; PAIXÃO, Lea Pinheiro. **Educação, diferenças e desigualdades**. Cuiabá: Ed UFMT, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO Antonia Eunice de Jesus do. **Educação e preconceito racial no Brasil: discriminação no ambiente escolar (UFAL)** (artigo ).

NADAL Beatriz Gomes. **A escola e sua função social: uma compreensão a luz do projeto de modernização** IN: FEHMAN Maria Graziela (org) formação de professor e escola na contemporaneidade São Paulo; SENAC, 2009.

RICCI, Magda. —Entre o livro e a vida: avaliação dos livros didáticos de história do ensino fundamental e a questão étnico-racial In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía e MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos (orgs.). Educação para a diversidade: olhares sobre a educação para as relações ético-raciais. Belo Horizonte: Mazza edições,2010, pp.53-76;

ROSEMBERG, Fúlvia. Relações raciais e rendimento escolar. In: PINTO, Regina Pahim. Raça negra e educação. Cadernos de pesquisa. São Paulo: Editora, nº62, nov. de 1987. p.19-23.

\_\_\_\_\_. Raça e desigualdade educacional no Brasil. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 5. ed. São Paulo, SP: Summus, 1998.

OLIVEIRA, José Reinaldo. *Educação e racismo: conhecendo as contradições do passado para construir a escola do futuro*. 2007. Disponível em:

[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/1363\\_952.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/1363_952.pdf). Acesso em: 17 Nov. 2015.

ORIÁ, Ricardo. **O negro na historiografia didática**: imagens, identidades e representações. *Textos de História*, Brasília, DF, v. 4, n. 2, 1996.

\_\_\_\_\_. **O ensino de História da África no currículo escolar- possibilidades e perspectivas**. In: ROCHA, Maria José; PANTOJA, Selma (orgs.). Rompendo silêncios: História da África nos currículos da educação básica. Brasília: DP Comunicações LTDA., 2004.

PASSOS, Celia, Zenaide Albuquerque **eu gosto mais**: Integrado 4º ano; ilustrações José Luiz junho João Anselmo e Izomar, Lie Kabayashi - 2. ed.- São Paulo: Ibep,2014.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de, **História e Conceitos Básicos sobre o racismo e seus derivados**. *Superando o Racismo na Escola*. 2ª edição revisada/ Kabegele Munanga, organizador. [Brasília]: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade 2005. 204p.:il.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro**: um percurso da ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/ Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas,2002.

TRINDADE, Azoild Loretto d. **o racismo no cotidiano escolar**, dissertação de mestrado ( em educação) fundação Getúlio Vargas , Rio de Janeiro 2004.